CRISTIANA SCHETTINI PEREIRA

**NAS BARBAS DE MOMO:
OS SENTIDOS DA PRESENÇA
FEMININA NO CARNAVAL DAS
"GRANDES SOCIEDADES" NOS
ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XIX**

NAS BARBAS DE MOMO:
OS SENTIDOS DA PRESENÇA FEMININA NO
CARNAVAL DAS “GRANDES SOCIEDADES” NOS
ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XIX

CRISTIANA SCHETTINI PEREIRA

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH/UNICAMP

Diretor: Prof. Dr. João Quartim de Moraes

Diretor Associado: Prof. Dr. Armando Boito Junior

Comissão de Publicações:

Profs. Argelina Maria Cheibub Figueiredo - DCP, Guita Grin Debert - DA, Maria Clementina Pereira Cunha - DH, José Carlos Pinto Oliveira - DF e João Quartim de Moraes - DF (Coordenador)

Comissão Julgadora:

Profs. Argelina Maria Cheibub Figueiredo - DCP, Guita Grin Debert - DA, Maria Clementina Pereira Cunha - DH, José Carlos Pinto Oliveira - DF e Márcio Bilharinho Naves - DS

Setor de Publicações:

Marilza A. da Silva, Elizabeth S. S. Oliveira e Magali Mendes

Gráfica

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira e Marinês M. Rodrigues.

MONOGRAFIA

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (0192) 39.8342

Fax: (0192) 39.33.27

<p>SOLICITA-SE PERMUTA EXCHANGE DESIRED</p>
--

CRISTIANA SCHETTINI PEREIRA

**NAS BARBAS DE MOMO:
OS SENTIDOS DA PRESENÇA FEMININA NO
CARNAVAL DAS “GRANDES SOCIEDADES” NOS
ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XIX**

Monografia premiada no VI Concurso de Monografias de alunos dos Cursos de Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP, realizado em abril de 1995.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Clementina Pereira Cunha

*Para
Didi, Lycia e Cina,
minhas avós*

“É que afinal odiando-a, amando-a, caluniando-a, negando-a e ridicularizando-a, julgando-a portadora de todos os bens ou de todos os defeitos, nós, de Homero, o biógrafo de Helena, aos professores da físiopsicologia continuamos sem conseguir compreendê-la, pela simples razão de que só o nosso egoísmo a reflete. (...) Antes de se mirar nos aços polidos, a mulher encontra nos olhos de cada homem espelhos côncavos, convexos, planos – que deformam, enfeiam ou refletem os transitórios gestos de sua alma. Nós reproduzimos a criatura que julgamos ser nossa, com o inconsciente estranhamento de nosso voraz egoísmo (...)”

(João do Rio, “Carta-Oferta”, in *A Mulher e os Espelhos*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990)

Agradecimentos

Este texto foi apresentado em dezembro de 1994 como monografia de bacharelado ao Departamento de História do IFCH e contou em momentos diferentes com o financiamento do CNPq e da FAPESP. Muitas pessoas acompanharam este percurso e a elas devo grande parte do que este trabalho possa ter de bom: Sidney Chalhoub e Silvia Lara me ensinaram muito sobre o ofício de historiador desde o começo da graduação; Gêisa, Paula e Elciene foram durante o último ano interlocutoras constantes e grandes amigas; nossa Associação de Ajuda Mútua foi uma oportunidade ímpar de muito diálogo. Elciene, com sua presença forte, tem sido uma companheira de viagem insubstituível, e uma verdadeira irmã. Cláudia e Marcelo estiveram por perto o tempo todo e aguentaram meu mau humor. Gabriela virou uma nova amiga ao longo dos períodos de pesquisa no Rio, tornando-os muito mais divertidos.

Quando comecei a pesquisa (e a graduação), Leonardo e Clementina já estavam envolvidos com assuntos carnavalescos; tiveram muita paciência e humor comigo, me ajudando a criar e resolver problemas. Leonardo foi muito mais que um companheiro de pesquisa. Este percurso não teria sido o mesmo sem sua amizade, que sempre veio junto de muito apoio e comentários sobre cada versão deste texto.

Clementina abalou sistematicamente minhas convicções, num dedicado trabalho de orientação que fez dela muito mais que uma orientadora. A experiência de pesquisar e refletir com ambos foi o meu melhor aprendizado.

Por fim, o apoio da minha família em todos os momentos e de todos os jeitos garantiu tranquilidade até o fim desta etapa. E o Tiago inventou tempo no meio de sua própria monografia para estar por perto. Ele foi testemunha do lado nem um pouco agradável disso tudo; seu carinho e paciência acabaram me ajudando a concluir e dimensionar esta etapa.

Sumário

Introdução	13
I - Os senhores da alegria na folia das saias	27
II - O império dos sentidos.....	55
Conclusão.....	91
Fontes	95
Bibliografia	97

Introdução

Era terça-feira de carnaval. A quantidade de pessoas que transitava pela rua do Ouvidor era tanta que se tornava impossível atravessá-la.¹ Pequenos grupos abriam caminho entre a multidão para desfilar pelas ruas centrais do Rio de Janeiro. No meio de tantos préstitos e mascarados, chamava a atenção do público um pequeno grupo em cujo estandarte lia-se a inscrição: "*O Reinado das Mulheres*":

*"Dois estandartes mais eram empunhados por um homem e uma mulher, e diziam: - Saias acima! Calções abaixo! Os homens trajavam saias, e traziam toucas; armados de mameadeiras, embalavam crianças. As mulheres trajavam calças e trazendo à cabeça chapéus cartolas, faziam discursos e discutiam política."*²

No segundo carnaval passado nos novos tempos republicanos, a idéia de um reinado, ainda mais das mulheres, parecia à primeira vista uma típica prática de inversão carnavalesca. Homens realizando tarefas de mulheres; mulheres imitando homens. A nova hierarquia imaginada para as saias e os calções até podia ser muito mais divertida, embora servisse também para revelar o absurdo da situação imaginada.

A brincadeira de inversão dos papéis sexuais, no entanto, não era exclusiva deste grupo. Para os pais de uma pequena "andaluza" de nove anos de idade, o carnaval era a ocasião de expressar suas opiniões sobre

¹ *Diário de Notícias*, 9 de fevereiro de 1891.

² *Gazeta de Notícias*, 11 de fevereiro de 1891.

uma real possibilidade de redefinição dos papéis sexuais – a questão do voto feminino, calorosamente debatido pelos deputados nas discussões prévias da primeira constituinte republicana. A menina distribuía cartões com quadrinhas que vinham

*"Pedir ao nosso congresso
Com meiguice, graça e tino,
Que dê lá nas leis ingresso
Para o voto feminino."*³

Nas discussões prévias da constituinte republicana, ocorridas em 1890, a questão do voto feminino qualificado havia gerado debates acirrados.⁴ A proposta, assim, acabou virando tema para o carnaval do ano seguinte, fosse como a brincadeira de inversão ou como um delicado, porém sério, pedido ao congresso.

Transformando-se em tema relevante, a discussão dos direitos das mulheres garantiu lugar de destaque também no carnaval das chamadas Grandes Sociedades. Em longos desfiles, elas exibiam bandas de música, guardas de honra, carros com sócios e mulheres fantasiadas, carros de alegoria com mulheres em roupas muito justas e escassas. Entre eles, vinham grandes carros chamados "carros de idéias" ou "carros de crítica", onde eram ridicularizados e tematizados acontecimentos cotidianos que adquirissem algum interesse público, como era o caso da questão sufragista.

Quem abrisse os principais jornais da cidade na segunda-feira veria os anúncios de seus desfiles ocupando páginas inteiras. Neles eram feitas referências aos carros alegóricos e às questões abordadas nos carros de crítica. No anúncio do préstito dos Democráticos, uma das soci-

³ *Idem.*

⁴ Branca Moreira Alves, *Ideologia e Feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1980, pp.143, 144.

idades mais ricas, apareciam os seguintes versos referentes ao carro intitulado

"AS MULHERES VOTAM – propaganda prática e animada por espirituosos tribunos, no intuito de dar à mulher o que só tem sido dos homens.

*Discutiu-se ardentemente
e é crença de muita gente
que de lá por onde der
o que ao homem se garante
ninguém negue doravante à mulher.*

*Que o voto se lhe permita
mas (exceção esquisita
de quem tal reforma quer)
que não seja recrutada
nem para júri sorteada
a mulher.*

*Mas que o voto se lhe assegure
aparte exército e júri
tanto quanto se puder
já num discurso inspirado
disse isso o Costa Machado
da mulher.*

*Porém o exemplo palpável
vivo, claro, incontestável
diga o Zama o que disser.
Em resumo disso eu noto
que há de ser assim o voto
da mulher."⁵*

⁵ O Paiz, 10 de fevereiro de 1891.

O carro vinha com várias "senhoras mais ou menos barbudas" que berravam os versos acima ao público, conforme descrevia um jornal no dia seguinte ao desfile.⁶ A brincadeira das inversões sexuais mais uma vez se repete. Os deputados Costa Machado e César Zama, citados nos versos, posicionaram-se a favor do voto feminino qualificado nas discussões prévias da constituinte. Para os carnavalescos do clube dos Democráticos, no entanto, a idéia de conceder o direito de voto às mulheres era tão absurda como se as mulheres quisessem algo que "só tem sido dos homens". Além do mais, por que as mulheres almejavam a cidadania política e não outras atribuições dos homens, como recrutamento militar e participação em júris? Assim, através da brincadeira, os carnavalescos expunham o que consideravam a esquisitice de tal discussão.

Tendo, ao longo das últimas décadas do Império participado ativamente da propaganda anti-monarquista,⁷ os Democráticos estavam na verdade tratando através da folia uma séria questão trazida com os ventos republicanos: a ampliação da cidadania de diversos grupos sociais. O jornal *O Sexo Feminino*, voltado para a "emancipação da mulher", recebia a República trocando seu nome para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, e evidenciando seu entusiasmo e esperança:

*"Nota-se a alegria em todos os semblantes; cidadãos de todas as classes sem distinção de cor política abraçam com entusiasmo as idéias de liberal fraternidade (...). Hoje dizemos: a mulher quer a igualdade, esta será alcançada (...)."*⁸

⁶ *O Paiz*, 11 de fevereiro de 1891.

⁷ Ver, entre outros, Leonardo Pereira, *O Carnaval das Letras*. Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994, cap.II: "O Progressista e o carnaval reinventado", pp. 67a 114.

⁸ *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, 15 de dezembro de 1889.

Aqui a República é vista como a responsável pela ampliação dos direitos de "todos". Todas as classes seriam atingidas, sem distinção, pela liberdade e pela igualdade civil. Neste sentido, a esperança é de que tais transformações ampliassem também os direitos civis das mulheres.

A redatora do jornal *A Família*, Josefina Álvares de Azevedo, também sufragista, lança outras luzes sobre esta questão numa peça teatral de propaganda do voto das mulheres. A peça conta a história de uma mãe que espera poder lançar a candidatura da filha ao cargo de deputada mediante a aprovação da lei do voto feminino. As cenas cômicas ficam por conta da oposição e da incompreensão do marido e pai, o Conselheiro Anastácio, diante da reivindicação das mulheres da família. Os empregados, Joaquina e Antônio, também não compreendem e, entre rápidos namoros, se divertem com a confusão arranjada pelos patrões:

"Joaquina – As mulheres agora vão ser como os homens.

Antônio – Como os homens? E os homens?

Joaquina – Como as mulheres.

Antônio – Livra!

Joaquina – Sim, senhor! Agora nós vamos para os empregos.

(...)

Antônio – E eu que fico fazendo?

Joaquina – Tu não precisas trabalhar, ficas em casa.

Antônio – Para lavar tuas saias e esfregar tua roupa? Eu nunca tive jeito para esfregações...".⁹

A comicidade do diálogo dos empregados esconde uma dimensão fundamental das reivindicações dos direitos da mulher. Apesar de se considerar parte das mulheres que reivindicam novos direitos, Joaquina, a empregada das sufragistas, é representada compartilhando a incom-

⁹ Josefina Álvares de Azevedo, "O Voto Feminino", comédia em 1 ato, In *A Mulher Moderna - Trabalhos de Propaganda*, Rio de Janeiro: Tip. Montenegro, 1891, pp. 55-56.

preensão dos homens sobre a questão. Esta similaridade de incompreensões indica, na visão da autora, a exterioridade de homens e empregados em relação à reivindicação das mulheres sufragistas. Tal percepção se confirma se pensarmos que mulheres como Joaquina costumavam ganhar a vida através de muito trabalho, ainda que na casa dos outros. Assim, é no mínimo estranho que ela associe trabalho ao espaço público, embora não seja nem um pouco estranho que sua patroa ou mesmo a autora da peça o façam.

Com efeito, a postura das patroas, mãe e filha, ao oferecerem a Joaquina um emprego público caso a filha conseguisse se eleger deputada, só reforça a idéia de que nas suas reivindicações sufragistas não se questionava a desigualdade social, e portanto a subalternidade de mulheres como Joaquina. Seguindo o mesmo raciocínio, também a reação de Antônio se torna estranha, posto que homens como ele não tinham o hábito de sustentar suas companheiras.¹⁰ Sendo nestes termos que a igualdade republicana se colocava para parte dos contemporâneos, especialmente para as sufragistas, é previsível que a discussão da constituinte tratasse do voto feminino qualificado. A questão do voto, assim, estava longe de envolver todas as mulheres opondo-se a todos os homens.

No entanto, algumas senhoras de Minas Gerais e de Goiás, envolvidas pela idéia de igualdade republicana, não hesitaram em requerer a inclusão de seus nomes no alistamento eleitoral assim que a República foi proclamada.¹¹ Mesmo tendo sido aprovados por um juiz eleitoral

¹⁰ Ver sobre isso Sidney Chalhoub, *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, São Paulo: Brasiliense, 1986, cap. II "...Amando..." e Rachel Soihet, *Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, entre outros.

¹¹ Ver *A Família*, 23 de novembro de 1889 e 14 de dezembro de 1889.

mineiro, os requerimentos acabaram recusados numa outra instância sob os seguintes argumentos:

*"(...) Considerando que as mulheres pelas nossas instituições constitucionais não têm capacidade política, e seria uma grave contradição conceder-lhe o gozo de direitos políticos, quando elas não têm a plenitude da capacidade civil; Considerando que, se as mulheres fossem admitidas à inclusão do alistamento eleitoral, também o seriam ao exercício de quaisquer funções públicas, o que é igualmente absurdo, sendo certo que seguem as leis em vigor, somente por exceção exercem algumas, que não repugnam à sua condição, nem têm caráter político (...)."*¹²

As explicações da Justiça explicitam alguns importantes aspectos subjacentes ao debate sobre o voto feminino. O argumento da incapacidade civil das mulheres remete-nos aos termos da luta sufragista: o direito de votar e ser votado é mais uma questão de competências do que de natureza. Se colocadas desta maneira, as reivindicações das mulheres passam a ser tratadas como uma questão social, e pelo menos isso a Justiça foi obrigada a fazer.

É o passo seguinte, porém, que torna os argumentos ainda mais reveladores. A Justiça parte da idéia de que, se as mulheres votassem, elas também teriam o direito de exercer atividades públicas, e é aí que estaria o perigo. É também nos termos da conquista de uma atividade pública que Josefina Álvares de Azevedo coloca a questão em sua peça teatral, o que nos deu a perceber o aspecto da diferenciação social escondida na questão do voto. Utilizada pela Justiça, porém, a associação das mulheres com a conquista "política" do espaço público adquire o sentido de um absurdo, ou até mesmo de uma ameaça. Afinal, as mu-

¹² Apud *A Família*, 14 de dezembro de 1889.

Iheres que pleiteavam tal conquista nunca foram vistas como uma questão de dimensão social, estando, na visão dos juristas, naturalmente relacionadas a atividades privadas e domésticas.

O parecer da Justiça ainda concluía ressaltando que as poucas atividades públicas realizadas pelas mulheres não teriam nenhum sentido político. Tal deveria ser, também, a opinião dos Democráticos Carnavalescos, que ridicularizando a reivindicação das mulheres, não acreditavam ser este um assunto de natureza política, embora estivessem tematizando-a no lugar destinado por eles a tais questões, num carro de crítica.

Mesmo assim, um dos pontos em comum entre as Grandes Sociedades e que as caracterizavam desde a década anterior era exatamente a presença feminina, pública, mas não política. Os Fenianos, outra famosa Sociedade, no mesmo ano apresentaram entre suas idéias e críticas um carro denominado "A Cascata", que trazia uma "Mlle. Norma" recitando os seguintes versos:

*"(...) Nos lábios meus a flor do riso brinca
Dorme em meu seio da volúpia o gozo
Quando o cupido me sorri, vaidoso
Nos lábios meus a flor do riso brinca!*

*(...) As cataratas não me fazem medo!...
Ao gozo, ao gozo, meu amante vem;
Nada no mundo nosso amor detém
As cataratas não me fazem medo! (...)."¹³*

A Mlle. Norma, pelo que se pode depreender dos versos, estava longe de ser uma das senhoras aspirantes ao voto, mas a exibição públi-

¹³ *Diário de Notícias*, 10 de fevereiro de 1891.

ca de mulheres como ela nos carros de alegoria constituía uma das principais atrações que davam aos préstitos tanta popularidade.

A importância destas mulheres para o carnaval das Grandes Sociedades era também revelada pelos inúmeros versos publicados em sua homenagem, como este, dos mesmos Fenianos:

*"Pela mulher dançamos e bebemos
Pela mulher gastamos quanto temos
É a mulher que nos rege, nos governa
É ela que nos solta ou nos inverna
Pela mulher ouvimos o diabo (...)
Pela mulher fazemos carnaval...
Ela é o bem e ao mesmo tempo o mal!"¹⁴*

A exaltação fervorosa da "mulher" contrasta com a crítica ao voto feminino. Agora, assumindo um outro sentido, elas se transformam na própria motivação para a festa, no estímulo para as danças, bebidas e gastações desmesuradas de dinheiro. E principalmente, ao contrário das mulheres votantes, estas eram exaltadas pelas suas posições públicas, muito distantes da política. O lugar das mulheres para os carnavalescos das Sociedades parecia ser o de um componente a mais de suas festas, ainda que mesmo nos versos de exaltação carreguem as ambiguidades para os próprios carnavalescos.

Fosse através de mulheres como Mlle. Norma nos desfiles, ou através de uma evocação à "Mulher", geral e abstrata como acima, a representação das mulheres no carnaval das Grandes Sociedades era central para a divulgação de uma licenciosidade carnavalesca. Apareciam até nos estandartes dos clubes – que aliás também eram carregados

¹⁴ *Idem.*

nos préstitos por "*bonitas mulheres, ricamente fantasiadas*"¹⁵ – como este, dos Tenentes do Diabo, uma das sociedades mais antigas, no qual:

*"entusiástico Mefistófeles, de bandolim na mão esquerda e ventarola na direita, olha provocadoramente para esplêndida mulher, que (...) ostenta lúbrica nudez."*¹⁶

A descrição do estandarte do grupo dos Ventarolas, um dos muitos grupos internos daquela Sociedade, indica a importância da idéia de licenciosidade na caracterização de seus carnavais. A própria construção de uma auto-imagem dos foliões parecia se remeter a esta licenciosidade carnavalesca através da provocadora mulher ao lado do Mefistófeles, símbolo máximo do clube.

Este tipo de representação das mulheres na festa neste início do período republicano torna-se ainda mais intrigante à luz da historiografia que de alguma forma focaliza a presença das mulheres no período.¹⁷ A maioria dos estudos, apesar de apostarem em caminhos diferentes, mantêm alguns aspectos em comum: são estudos que apontam as possibilidades de uma abordagem que busque tematizar a diferença de gênero para iluminar antigas interpretações sobre o período. Assim, as transformações republicanas adquirem novas dimensões se investigadas a partir da sua interferência nas vidas das mulheres trabalhadoras, por exemplo. Ou ainda, os sentidos conferidos pelas próprias mulheres às suas vidas viabiliza a abordagem deste processo normatizador e republicano nos termos da sua inserção histórica.

¹⁵ *Diário de Notícias*, 8 de fevereiro de 1891.

¹⁶ *O Paiz*, 24 de fevereiro de 1889.

¹⁷ No que diz respeito às possibilidades de uma história social de mulheres, ver Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo: Brasiliense, 1984, onde ela utiliza o cotidiano como campo de conflitos para atingir as histórias de mulheres "*socialmente desqualificadas*". (p.30)

A base que motiva todas estas análises, no entanto, é a própria idéia do movimento normatizador que se concretiza com a República e que intervém nas vidas dos populares – os objetos preferidos das análises.¹⁸ A ênfase na dimensão de uma resistência das mulheres das chamadas "classes subalternas",¹⁹ na criação de diversos imaginários sobre a prostituição,²⁰ ou num embate entre diferentes universos culturais,²¹ embora particularize cada um destes estudos, não apaga o ponto fundamental em comum a todas as análises: todas estas mulheres são encontradas e definidas em função deste movimento de normatização, ainda que de formas completamente diferentes.

O carnaval das Grandes Sociedades, à primeira vista, parece situar-se de forma ambígua em relação a estas interpretações. De um lado, as Sociedades tematizam várias mudanças resultantes da intervenções

¹⁸ O estudo de Jurandir Freire Costa constitui um importante subsídio desta bibliografia especialmente no que diz respeito ao processo interventor da política higienista. Jurandir Freire Costa, *Ordem Médica e Norma Familiar*, Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2^a ed., 1983.

¹⁹ Ver a análise de Rachel Soihet sobre as mulheres "de classe subalterna" acusadas de diversos crimes, interpretando seus registros deixados nos processos criminais como sinais de uma resistência feminina ao projeto normatizador burguês. Rachel Soihet, *op. cit.*

²⁰ Margareth Rago propõe uma abordagem das diferentes percepções sobre as prostitutas na *belle époque* paulista para quebrar um amplo imaginário produzido na época que acabou sendo incorporado pela produção acadêmica. Margareth Rago, *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

²¹ Reconstruindo o "cotidiano do amor" entre os populares da *belle époque* carioca, Martha de Abreu Esteves investiga os conflitos entre as concepções morais dos discursos jurídicos e populares. Através de uma análise que associa um viés cultural a uma abordagem histórica, a autora pode perceber que os sentidos atribuídos pelos diferentes sujeitos históricos às suas experiências são elaborados no interior de uma conflituosa relação cultural. Martha de Abreu Esteves, *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

republicanas, marcando a República como um momento de ruptura. A partir da nova ordem republicana, as mulheres passam a ser consideradas nos seus carnavais como uma questão de relevância social, o que aliás condizia com a aspiração do movimento pelos direitos da mulher do período.

A historiografia que aborda estas mulheres, apesar de também ter a introdução do regime republicano como referência,²² indica que, ao contrário de uma única "condição feminina", trata-se de diversas mulheres que viveram este período e atribuíram-lhe significados distintos. A emergência no período de uma preocupação com os papéis sociais femininos, assim, confere uma idéia de homogeneidade a uma diversidade de experiências já abordadas pela produção historiográfica.

De outro lado, porém, estas mudanças na tematização das mulheres não deixaram de conviver com as outras formas já existentes. A visão do carnaval como um momento de exceção do cotidiano pelos foliões das Sociedades associa-se à construção da licenciosidade e justifica sua divulgação.²³ Mulheres como Mlle. Norma continuam a aparecer nos carros alegóricos; senhoras no público continuam a aplaudir os desfiles e as Sociedades continuam a exaltar "a Mulher" como motivação e importante componente de suas festas.

O carnaval das Grandes Sociedades, que ao mesmo tempo tematiza as transformações republicanas e exalta um padrão de licenciosidade,

²² Sandra Graham, ao investigar as relações entre criadas e seus patrões, estabelece um amplo recorte temporal – 1860 a 1910 – justamente para contemplar tanto as rupturas como as continuidades no cotidiano dos que viveram os processos de abolição da escravidão e proclamação da República. Sandra Graham, *Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 21.

²³ Ver Leonardo Pereira, *op. cit.*, capítulo III: "Por trás das máscaras: Policarpo e os sentidos da festa", pp. 115-156, quando ele evidencia o processo de construção e consolidação desta idéia de exceção carnavalesca entre os literatos.

pode ser assim uma interessante porta de entrada para a investigação dos sentidos que um suposto movimento normatizador tinha para as pessoas que estavam de alguma forma envolvidas na festa. Através das folias destas pessoas, é possível identificar não só as mudanças pelas quais passaram as mulheres nos carnavais das Sociedades, como os seus sentidos para os diferentes grupos envolvidos na festa. Desta forma, é possível retomar os conflitos engendrados nas próprias experiências de carnaval destes diferentes grupos.

Para isso, serão propostos dois momentos diferentes de investigação. No primeiro serão enfocadas as histórias das Sociedades, desde o seu surgimento na metade do século XIX. A intenção é perseguir a construção do padrão de licenciosidade e da popularidade que aparecem consolidados na década de 1880, e o processo que os transformou em componentes da auto-imagem dos membros das Sociedades como "senhores" da festa.

O segundo momento volta-se para a investigação dos sentidos da presença feminina no carnaval das Sociedades na década de 1880, no auge da popularidade alcançada por este modelo de folia. Através de alguns indícios, tentar-se-á inferir os significados que a presença feminina tinha para alguns grupos presentes na festa. Por este caminho, a ênfase da análise pode recair sobre as relações estabelecidas entre diferentes sujeitos, em função de seus próprios modos de entender e brincar o carnaval.

I - Os senhores da alegria na folia das saias

1852 prometia ser um bom ano para Joanna Paula Manso de Noronha. Tendo finalmente conseguido iniciar a publicação *do Jornal das Senhoras*, um periódico redigido por ela, poderia então concretizar seu objetivo de "*propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher*".²⁴ A seriedade das intenções, no entanto, contrastava com descontraídos artigos de modas, sob a responsabilidade de uma "*jovem inteligente e espirituosa*", que escondia sua identidade sob o pseudônimo de "Christina". A feliz convivência dos dois estilos por algum tempo no mesmo jornal mostrava que apesar de diversos, não chegavam a ser incompatíveis.

O ocultamento da identidade da colunista de modas causou furor entre os leitores e leitoras. Enquanto elas procuravam informações sobre sua vida, os homens questionavam sua identidade feminina.²⁵ A razão de tal desconfiança talvez estivesse ligada à sua linguagem propositalmente desenvolta, informal e jocosa, conformando um estilo que aparece com ainda mais clareza quando chegam os dias de carnaval.

No primeiro carnaval vivido pelo *Jornal das Senhoras*, "Christina" anunciou de antemão que deixaria os assuntos de modas para dias mais tranquilos, podendo assim tratar da festa:

²⁴ *Jornal das Senhoras – Modas, Literatura, Belas Artes e Crítica*, 1 de janeiro de 1852.

²⁵ "Modas", *Jornal das Senhoras*, 1º de janeiro de 1853: "(...) os homens continuam a dizer que eu – sou homem!... Santo Deus, que aleive tão persistente!"

"Desnecessário é dizer-vos que gosto muito do entrudo; com a vossa penetração já deveis ter acertado com este meu fraco; pois acertastes deveras. Sou uma doida pelo brinquedo dos limões de cheiro bem cheirosos; ora quando eu joga um limão sobre as costas de algum sujeito conhecido que vai passando pela rua, (...) e o limão faz - póque - bem em cheio!...dou gargalhadas a não poder mais. (...) São três dias para mim de um prazer que eu não posso explicar!"²⁶

Percebe-se pela fala da cronista a confusão entre carnaval e a brincadeira descrita como entrudo, que não consistia apenas em atirar os limões de cheiro – esferas de cera contendo água perfumada. Esta era apenas uma das versões mais distintas da diversão. Os dias de entrudo eram verdadeiros "dias da mentira"; dias de pregar troças e inventar modos de enganar os outros.²⁷ Ao longo do artigo, a autora revela este lado da brincadeira não só descrevendo os logros com os quais mais se diverte como dando receitas para as leitoras de "biscoitos purgativos", "pão de ló de caixinha contra vermes" e similares. Sendo homem ou mulher, a cronista indica assim a popularidade das troças, ao lado dos delicados limões de cera, entre as distintas leitoras do jornal.

Apesar da brincadeira aparecer generalizada pela cidade, ela assumia feições completamente distintas entre cada grupo social e entre homens e mulheres, obedecendo a certas regras.²⁸ A própria "Christina" revela uma sobre os limões de cheiro, que deveriam ser atirados preferencialmente em homens que fossem do conhecimento das senhoras.

²⁶ "Modas", *Jornal das Senhoras*, 22 de fevereiro de 1852.

²⁷ Maria Clementina Pereira Cunha, *As Pugnas de Momo*, IFCH/UNICAMP, 1993, mimeo.

²⁸ Ver Clementina Pereira Cunha, *op. cit.* e também Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*, São Paulo: Brasiliense, 1992, pp. 47 e 48, onde ela marca a diferenciação social na brincadeira e as possibilidades de aproximação entre os sexos encoberta pela luta.

Para elas, esta modalidade do entrudo podia significar uma oportunidade de agirem autonomamente, inclusive em relação ao sexo oposto.

O entrudo não era, no entanto, a única oportunidade de diversão das senhoras fluminenses em meados do século XIX. Havia também os bailes dos teatros:

*"Falando então da gente fina e daquela que pode despender de dois mil réis para cima, é outra coisa, essa gente tem à noite os bailes mascarados (...). (...) sou fanática por um baile mascarado em que há muita gente, muito barulho e muitas coisas para rir. (...) Eu sempre tomei um dominó e uma pequena meia-máscara de seda preta, não só por ser o mais adotado, como porque debaixo destas vestes qualquer gênio ou caráter vai sempre bem."*²⁹

Retomando a dúvida quanto à sua identidade sexual, "Christina" indica uma outra importante forma de diversão para as senhoras. Ao afirmar a diferenciação social que envolve o baile – em oposição ao entrudo, que mesmo de formas diferentes era jogado "por todos" – a autora indica as possibilidades de diversão neste espaço: os ditos engraçados e espirituosos dos mascarados combinavam-se com o ocultamento possibilitado pelas máscaras e pelas fantasias. Não por acaso, a cronista que oculta sua verdadeira identidade prefere a fantasia escura de dominó. Sendo escura, se molhada pelas águas do entrudo não fica transparente; sendo suficientemente larga, esconde as formas do folião e pode abrigar "*qualquer gênio ou caráter*". Mais uma vez, as possibilidades de diversão indicadas pela autora certamente eram compartilhadas pelas leitoras folionas do *Jornal das Senhoras*.

²⁹ "Modas", *Jornal das Senhoras*, 22 de fevereiro de 1852.

Em pouco tempo "Christina" sai de cena, e junto com ela este tom brincalhão e apologético em relação ao entrudo. No seu lugar entra uma "Alina", trazendo novidades para os dias da folia:

*"(...) Pelo que observei este ano por ocasião do carnaval, parece que se pode considerar extinto e para sempre proscrito o velho entrudo com suas brutais caldeiradas d'água e jogo de limões, de laranjas, e com todos os demais objetos que faziam parte do material deste divertimento. Espero que no próximo ano, o gosto das máscaras será mais geral e tão delicado como o das Sumidades Carnavalescas; que as elegantes senhoras da nossa sociedade tomarão lindos disfarces para passear em suas carruagens; que os confeitos e as flores serão preparados com mais antecedência (...)."*³⁰

Com apenas três anos de diferença, muita coisa parecia ter mudado. Preocupada em registrar no carnaval daquele ano de 1855 o fim definitivo do entrudo, a nova cronista aponta novas formas de diversão como os passeios em carruagens, batalhas de flores e o desfile das Sumidades Carnavalescas, uma Sociedade organizada "com fim de festejar o carnaval".³¹ O tom agora é muito mais sério; ao contrário de expressar possibilidades de diversão carnavalescas para as distintas senhoras, tenta convencê-las das vantagens das máscaras, passeios, flores e confeitos, diversões mais delicadas e de melhor gosto. Os tempos pareciam ser outros: ao contrário do bom-humor de "Christina", a seriedade e a preocupação com a "civilização" de "Alina".

³⁰ Alina, "Crônica dos Salões", *Jornal das Senhoras*, 25 de fevereiro de 1855. São no mesmo sentido as "Crônicas da Quinzena", por um tal D. Sallustio, *Novo Correio de Modas*, 1854.

³¹ Bases Orgânicas do Congresso das Sumidades Carnavalescas, *Arquivo Nacional*, Conselho de Estado, Seção do Império, cx. 528, pc. 3, doc. 41, 1861.

Este também parecia ser o objetivo dos que organizaram o préstito – saudado pela imprensa como a inauguração do carnaval – como explica o então jovem José de Alencar nos preparativos daquele carnaval de 1855:

*"(...) Uma sociedade criada o ano passado, e que conta já perto de oitenta sócios, todas pessoas de boa companhia, deve fazer domingo sua 'grande promenade' pelas ruas da cidade. A riqueza e o luxo dos trajés, uma banda de música, as flores, o aspecto original destes grupos alegres, hão de tornar interessante esse passeio dos máscaras, o primeiro que se realizará nesta corte com toda a ordem e regularidade."*³²

O jovem literato, ele próprio membro da agremiação,³³ especifica aqui o conteúdo deste carnaval saudado pela(o) articulista do *Jornal das Senhoras*: contando com "pessoas de boa companhia" que se propõem a desfilar regularmente pelas ruas da corte em trajés de "luxo e riqueza", acompanhados de banda de música, este é um carnaval que pretende dar aos folguedos fluminenses a feição das *"tardes de corso em Roma"*. O esforço de diferenciação do "brutal, velho e proscrito" entrudo e a criação de um modelo carnavalesco italiano marcam assim o surgimento das Sumidades Carnavalescas, a primeira Sociedade carnavalesca que o Rio de Janeiro conheceu.

A elegância e a distinção são também características centrais deste carnaval, como revela José de Alencar:

³² *Correio Mercantil*, 14 de janeiro de 1855, In José de Alencar, *Ao Correr da Pena*, São Paulo: Melhoramentos, sd., p.141.

³³ Mello Morais Filho fala que, além dele, outros membros das Sumidades faziam parte da redação do *Correio Mercantil*, Mello Morais Filho, "Carnaval (Rio de Janeiro)", *Gazeta de Notícias*, 21 de fevereiro de 1887.

"O que resta é que as nossas patrícias, todas mimosas e aristocráticas como são, não se deixem levar de velhos prejuízos, e continuem a temer a simples vista de um máscara como de uma coisa perigosa.

Todos os membros da sociedade são pessoas delicadas e do mais fino trato, e por conseguinte podem ter certeza que quaisquer palavras, qualquer galantaria, não serão capazes de ofender sequer uma suscetibilidade (...)."³⁴

Percebe-se neste trecho que a afirmação de distinção social é voltada para conquistar a confiança e o apoio das "aristocráticas" fluminenses. Assim, a diferenciação do público a que o autor se dirige parece ter sido um recurso para ele reafirmar o caráter elegante, requintado e principalmente distinto dos seus festejos. Definindo um público delicado e aristocrático, a Sociedade também se define como tal.

Há, além destes, um aspecto ainda mais significativo do discurso de Alencar: dirigindo-se às suas interlocutoras na qualidade de público, o autor as exclui da festa. Ao atribuir-lhes o papel de passivas espectadoras, pode o literato delinear a exclusiva presença masculina nas inovadoras manifestações carnavalescas. As distintas fluminenses que cabem no delicado e civilizado modelo de carnaval, mostram-se ao mesmo tempo – pelo menos no discurso de Alencar – idealizadas e excluídas. Estavam assim muito distantes daquelas que se divertiam com o entrudo e os bailes. O préstito das Sumidades não parecia ser uma boa ocasião de exposição pública para as senhoras; a elas ficariam reservadas comportadas carruagens para passeios vespertinos pela cidade.

No entanto, este público não parecia ser tão suscetível aos encantos do novo carnaval como queriam os cronistas. É o que se depreende de uma descrição do carnaval daquele ano:

³⁴ *Correio Mercantil*, 14 de janeiro de 1855, In José de Alencar, *op. cit.* Ver também as Bases Orgânicas do Congresso das Sumidades Carnavalescas, *op. cit.*

*"Nós, os Brasileiros, aproveitadores de tudo quanto vemos sem raciocínio nem critério, temos jogado o entrudo de todos os modos. Convites supostos, doces apimentados, guizados falsificados, etc, entram no número de logros: baldes d'água e laranjinhas atirados a granel (...)."*³⁵

Publicado pela redação, um espaço mais sério que a informalidade da coluna de Modas, este artigo revela a difusão do combate ao entrudo pela imprensa. Além disso, o novo modelo de carnaval parecia condizer com os ideais de ilustração feminina cultivados pela linha editorial do jornal, como já indicava "Alina". O que mais chama a atenção no trecho, porém, é a descoberta de que o entrudo só estava completamente extinto na esperança de alguns cronistas³⁶ para o ano seguinte, já que este nos informa que a brincadeira imperava por toda a sociedade nas suas mais diversas formas, ainda que o faça para condená-la. Além disso, a não diferenciação entre as modalidades do jogo, descritas conjuntamente, reafirma a impressão deixada por "Christina" sobre sua larga difusão entre as senhoras.

No entanto, a forma como a brincadeira é descrita indica os primeiros contornos de uma grande mudança na forma de encará-la, que aliás já estava em curso desde os tempos de "Christina":

"(...) Embora digam cá na nossa terra (os homens dizem – que nos viu nascer, mas eu digo – que nos viu tais e quais) que o jogo do entrudo é bárbaro, bárbaros são eles. No Brasil é onde menos bárbaros são estes três dias impagáveis.

³⁵ A Redação, "O Carnaval", *Jornal das Senhoras*, 18 de fevereiro de 1855.

³⁶ Leonardo Pereira mostra que esta forma de representar a morte do entrudo como estratégia para matá-lo é sistematicamente utilizada pelos literatos a partir da década de 1880. Ver Leonardo Pereira, *op. cit.*, capítulo I: "As desventuras do Borba nas águas da tradição", pp. 29-66.

*Querem a Europa para exemplo! Pois não; vão ver o que por lá passa nos dias de Carnaval. Andem, senhores bigodes e barbas, observem; o que viram? (...) viram punhados de confeitos, entre eles alguns de graúdo calibre e (...) se algum vem direitinho aos olhos, adeus meninas dos meus olhos! (...) Grandes comenanzas, jantares sobre jantares e depois grandes indigestões (...).*³⁷

É através de sua suposta identidade feminina que "Christina" empreende uma curiosa crítica aos "bigodes e barbas" – como José de Alencar – que defendiam a implantação de um carnaval seguindo o modelo europeu. Como mulher, "Christina" veria na festa várias possibilidades de diversão e transgressão, às quais contrapõe o violento entrudo europeu. Enfaticamente, a autora conclui que a Europa, nestes dias, *"brinca e delira mais que o Brasil sendo criança..."*. A caracterização propositadamente feminina da autoria do artigo talvez possa sugerir que a crítica ao modelo europeu, no momento de sua implantação, tivesse sido possível devido à diferença dos sentidos para certos homens e mulheres.³⁸ É interessante notar que a idéia do estrangeirismo das brincadeiras era utilizada tanto pelas defensoras do entrudo quanto por quem o combatia, como é o caso da redação do jornal.

Defesas do entrudo tão enfáticas e bem-humoradas como a de "Christina" vão com o tempo perdendo lugar para a afirmação de um modelo europeu de carnaval. Era exatamente a evocação deste modelo

³⁷ "Modas", *Jornal das Senhoras*, 22 de fevereiro de 1852.

³⁸ Sobre os sentidos do entrudo para as mulheres ver Joaquim Manuel de Macedo, *As Mulheres de Mantilha*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1988, cap. XIII, XVII e XVIII. Ver Também Maria Clementina Pereira Cunha, *op. cit.*, onde atenta para *"o apego ardente demonstrado pelas "mulheres de família" a este jogo – no qual, seguindo a lógica invertida do carnaval, geralmente lhes cabia a iniciativa"*, p. 51 e seguintes; e Maria Isaura Pereira de Queiroz, *op. cit.*, p.48.

que embasava a proposta das Sumidades Carnavalescas de implantar no Rio de Janeiro um carnaval elegante, delicado, luxuoso, rico, e principalmente, distinto. Este modelo foi sendo divulgado com o surgimento de outras Sociedades que procuravam seguir a trilha aberta, como a Sociedade Carnavalesca União Veneziana, da mesma época.

Os estatutos da União Veneziana revelam a intenção de celebrar os folguedos carnavalescos com um passeio com carros e cavalos pela cidade no primeiro e terceiro dias do carnaval, envolvendo sócios e pessoas de suas famílias. A preocupação com o caráter familiar é revelada no trecho referente às exigências de admissão de sócios, que precisam ser "*maiores de quinze anos e de reconhecida moralidade*". Além disso, os bailes oferecidos pela Sociedade são restritos aos sócios e famílias, não sendo permitida a entrada de convidados se não estivessem acompanhados de uma família – suas ou de seu conhecimento.³⁹ A preocupação com o caráter familiar dos bailes parece estar associada à imagem de elegância e distinção pretendida pela Sociedade.

Alguns anos depois, surgiu uma infinidade de Sociedades, sempre com esta intenção de comemorar um carnaval distintivo, civilizado e em oposição ao entrudo "antigo e bárbaro". Algumas tiveram curtíssima duração, outras persistiram por mais de 10 anos, como é o caso daquelas lembradas muito depois por um cronista:

*"Sumidades Carnavalescas, o Clube X, os Estudantes de Heidelberg e tantas outras sociedades deslumbravam pela sua riqueza, pelo seu bom gosto, pelo espírito de seus sócios, que eram os moços mais distintos da nossa sociedade."*⁴⁰

³⁹ *Estatutos da Sociedade Carnavalesca União Veneziana*, Rio de Janeiro: Britto & Braga, 1856.

⁴⁰ "Crônica Carnavalesca", *Gazeta de Notícias*, 10 de fevereiro de 1893.

Ressalta o cronista que apesar de variadas, todas as sociedades tinham na composição exclusivamente masculina, na riqueza, bom gosto, espírito e distinção, pontos em comum. Os Estudantes de Heidelberg e o Clube X foram algumas das mais famosas Sociedades que surgiram e sobreviveram ao longo das décadas de 1860 e 1870.⁴¹ Em ambas, especialmente no Clube X, reencontramos préstitos luxuosos, bailes com máscaras de espírito, enfim, aquelas características das primeiras sociedades, o que inclusive faz com que os cronistas as tratem como se pertencessem a um mesmo passado.⁴²

Entretanto parece ocorrer uma mudança no que se refere à composição destas Sociedades: se nas primeiras predominava o critério familiar para garantir a distinção social, em pouco tempo o critério passa a ser outro, como se percebe através de um romance publicado no jornal X, publicação do mesmo Clube X, que narra as atividades da agremiação:

"(...) Quem olhasse a certa distância, pelo trajar simples e decente dos personagens, facilmente diria: são moços do comércio. E não se enganava. No Rio de Janeiro, é o comércio o sustentáculo de todas as empresas, todos os divertimentos, de todas as distrações. (...) Porém, quem se aproximasse a ponto de ouvir a conversação animada daqueles personagens, ficaria por certo surpreendido ao ver tanta nobreza encarnada na juventude, e tantos títulos honoríficos representados por tenros bigodes, títulos que na verdade não se assentavam bem

⁴¹ Os Estudantes de Heidelberg, explica Mello Morais Filho, eram em sua maioria "rapazes do curso médico, alguns empregados públicos, e poucos, mas de boa colocação no comércio". Mello Morais Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979. O Clube X foi fundado em 1862 segundo Duque de Covadonga, "A Sirigaita", X, 1 de dezembro de 1867.

⁴² Ver, por exemplo, a descrição do préstito do Clube X no *Diário do Rio de Janeiro*, 28 de fevereiro/ 1^o de março de 1870.

senão nas barbas brancas, fronts calvas e dorsos alquebrados pelo correr dos anos. (...)."⁴³

A fineza e delicadeza às quais José de Alencar se referia para definir os membros das Sumidades só são encontradas justamente nas maneiras nobres dos rapazes, pois o seu trajar, "*simples e decente*", denunciaria logo a proveniência comercial do grupo. Longe de conferir algum sentido negativo a este status comercial, o narrador, ao contrário, exalta a importância de setor tão promissor para uma cidade como o Rio de Janeiro, embora completamente distoante do uso dos títulos honoríficos. A única explicação para tais maneiras extravagantes, como tratar-se mutuamente por nomes de nobres, pode ser encontrada no assunto que tão animadamente aqueles jovens discutiam: o carnaval.

Os sentidos de tanta "nobreza artificial" podem ser desvendados nos capítulos seguintes do romance, nos quais é descrita a reunião do grupo em sua sede para discutir a melhor forma de se comemorar os festejos carnavalescos. Cada sócio, ao entrar, assinava seu nome acompanhado de inumeráveis títulos fictícios de nobreza, e era saudado pelos companheiros. Na parede encontravam-se retratos de cada um dos sócios junto a um brasão com todas as insígnias de nobreza do título. Segundo o narrador, lá estavam representados "guerreiros", "navegantes" e até o "clero", que também fora aceito nesta nobreza. Tantos títulos imponentes escondem uma diversidade de ocupações: de rapazes que progrediam honestamente nas profissões de guarda-livros, passando por caixas de casas comerciais, até perfeitos cavalheiros filhos de ricos comerciantes da corte.⁴⁴

⁴³ Duque de Covadonga, "A Sirigaita - Romance", era um folhetim publicado em partes no jornal, X, 1 de novembro de 1867.

⁴⁴ *Idem*, 15 de novembro de 1867 e 1 de dezembro de 1867.

Através deste romance que se pretende uma autobiografia do Clube X, podemos inferir algumas importantes mudanças entre estas e as primeiras Sociedades, especialmente na ostentação do prestígio social. Se antes este constituía um importante aspecto merecendo a maior seriedade, agora passa a ser tratado pelos membros do clube como uma brincadeira.

Além disso, se as Sumidades e União Veneziana pareciam apenas querer exibir um carnaval diferente e europeu, o Clube X alarga este interesse em outras direções:

*"A associação é a obra complementar da civilização: o fiat lux do mundo social. O grande dogma da igualdade universal, transformando as sociedades humanas, vazando-as em moldes mais amplos, modificou profunda e essencialmente a existência e o destino de todos os povos. (...) Ao desaparecimento das raças sucedeu o nivelamento das condições sociais pela comunhão de idéias e pela reciprocidade de interesses. Daí a emancipação da mulher, como entidade civil e a legitimação de todas as aspirações individuais, manifestadas nos domínios da legalidade (...)."*⁴⁵

Escrito em 1867 e publicado no X, o artigo acima mais parece parte de um programa político do que um texto de clube carnavalesco. Ao contrário da simples oposição ao entrudo e da preocupação com um carnaval aristocrático, ele revela preocupações de sentidos bem mais amplos, passando pelo prenúncio de um novo tempo, em que a predominância do "grande dogma da igualdade universal" deixaria para trás o privilégio, a distinção e a aristocracia.

A própria questão da emancipação da mulher era citada como sinal das mudanças, devendo ser tratada como uma questão social e civil,

⁴⁵ X, 1 de dezembro de 1867.

da forma talvez desejada pela empreendedora redatora do *Jornal das Senhoras*. Daí os títulos honoríficos serem motivos de brincadeiras por parte dos sócios do clube, preocupados em inserir-se ao lado da civilização e das luzes do progresso.

A forma encontrada pelos jovens do comércio – com bons negócios mas sem prestígio social – para mostrarem ao mundo sua posição foi a formação de associações. Através delas poderiam cultivar os ideais de "civilização", objetivando o "*engrandecimento pelo desenvolvimento inteligente e progressivo do espírito*".⁴⁶ O carnaval seria, então, praticamente um pretexto para concretizar esta intenção. Deste modo, um discurso que aparenta uma larga abrangência social acaba sendo usado para afirmar a própria importância do grupo. Tal afirmação, porém, não era como antes uma questão de berço ou posição social: dependia agora do desenvolvimento moral e dos méritos pessoais, como convém a uma classe comercial.

Na verdade, este é o desfecho de uma certa história. Contam os seus próprios membros em diferentes momentos (no romance, em artigos, no relatório de prestação de contas da Diretoria) que o Clube X nasceu como uma sociedade carnavalesca. Graças ao interesse de alguns sócios foram introduzidas novas atividades fora do carnaval como sa-raus, recitais, construídas salas para prática de leituras e esportes, o que acabou por transformar o carnaval em um aspecto menor, conservado "*como tradição ou antes um incidente*".⁴⁷ De qualquer modo, as Socie-

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ "Relatório e Parecer da Comissão de Exame das Contas do Clube X", X (*Suplemento*), 15 de dezembro de 1867. Ver também X, 1 de novembro de 1867 e Duque de Covadonga, "A Sirigaita", X, 1 de dezembro de 1867. O romance referido, no entanto, nos indica que mesmo com a introdução de outras atividades, o sentido do carnaval como importante motivo da associação poderia subsistir entre muitos sócios por algum tempo, até o Clube X deixar definitivamente de lado as atividades carnavalescas.

dades que se organizaram depois das Sumidades não seguiriam estritamente seus passos mas criariam, a partir daquele padrão, explicações diferentes para suas existências numa tentativa de ultrapassar o modelo inicial que quase chegariam, pelo menos nos seus discursos, a negá-lo.

Este movimento de diferenciação em relação às primeiras Sociedades apareceria, inclusive, na própria maneira de comemorar os dias de carnaval, como podemos perceber a partir dos conselhos de um exigente folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* aos que ele considerava os elegantes foliões daquele carnaval de 1869:

"(...) desenvolvi todo o luxo e elegância aristocrática que atrai os olhos e excita a admiração. (...)

E sobretudo, ó príncipes da festa, trabalhai para moralizá-la, imprimir-lhe o caráter da delicadeza e o sainete do espírito fino, chistoso e apurado (...). Presidam a honestidade e a decência a esses jogos populares (...)

Assim é que enobrecereis o carnaval, e conseguireis que ele seja frequentado pelas elegantes da nossa alta sociedade, pela flor da aristocracia fluminense. Enquanto, porém, impedir nos salões dos teatros a realeza do 'mundo equívoco', 'demi-monde', ou como melhor nome haja, enquanto as Aspásias, as Phrinéias e as Lais derem o tom e a lei nestes divertimentos, as senhoras honestas, receosas do contato das cortesãs, deixarão de tomar neles parte ativa (...)."⁴⁸

A antiga preocupação de José de Alencar reaparece nas palavras do cronista. Dirigido aos "príncipes da festa", àqueles que seriam responsáveis pelo "luxo e elegância aristocrática", aos que se diferenciariam dos máscaras sem espírito das ruas, o apelo do folhetinista ressalta novamente a preocupação com um carnaval que fosse decente e nobre o

⁴⁸ O. J., "Folhetim do Diário do Rio - Barafunda", *Diário do Rio de Janeiro*, 8 de fevereiro de 1869.

suficiente para atrair "as elegantes" da alta sociedade. Por meio do pedido, o folhetinista nos dá a saber sobre a presença das "cortesãs" provavelmente nos mesmos divertidos e requintados bailes frequentados pelas leitoras do *Jornal das Senhoras*.

Considerando as situações escandalosas que supostamente estariam ocorrendo nos bailes, o autor avalia que a liberdade característica da festa já tinha resvalado em "licença". É importante ressaltar que a feição indesejadamente imoral dos salões não era atribuída à simples presença das cortesãs, mas ao crescente destaque adquirido por elas nos carnavais dos últimos tempos. Revelam-se assim os termos em que a imoralidade é definida pelo cronista: a manutenção dos limites entre "liberdade" e "licença" seria, para ele, tão importante quanto o luxo, a elegância e o espírito.

Na semana seguinte, o habitual autor da coluna resolve ceder espaço a um "*folhetinista em projeto*" que comenta o carnaval já findo. Sem hesitar em fazer coro com o escritor original da coluna, ele reafirma o perigo de degeneração do carnaval trazido pela licenciosidade desmesurada:

*"As próprias sociedades carnavalescas que no tempo das Sumidades e da União Veneziana eram consideradas como o penhor e bem-fundada esperança de ser este filho dileto da Itália verdadeiramente aclimatado e adaptado, são hoje as que afrontam a moral pública, arvorando em rainhas da festa as Messalinas de costumes depravados e licenciosos concorrendo para fazer degenerar as festas de Momo em solta bacanal! Por que se não há de organizar um clube com o fim de elevar o carnaval à sua verdadeira altura? Por que se não há de reunir em sociedade uma turma de cavalheiros que busquem festejá-lo anualmente, em salão particular no centro de escolhida companhia?"*⁴⁹

⁴⁹ "Folhetim do Diário do Rio - Barafunda", *Diário do Rio de Janeiro*, 14 de fevereiro de 1869.

É com a retomada da idéia do estrangeirismo do carnaval que o autor identifica a degenerescência da festa. A licenciosidade, neste caso, aparece como fator de má adaptação do festejo, que assim perde seu sentido inicialmente civilizado.

Indo além, o autor aponta como única saída para esta situação que alguns brasileiros "*distintos e de bom-gosto*" seguissem os moldes dos bailes europeus diferenciados pelo nível social dos frequentadores. O problema para o autor não seria apenas o excesso de licenciosidade, mas o risco que se corre quando a diferenciação social não é marcada na festa. O carnaval, sendo importado, não serviria para todos, mas apenas a uma elite que soubesse entender seu sentido, e a degeneração licenciosa representaria, na verdade, o perigo da degeneração social da festa. Em última instância, a incômoda presença do *demi-monde* e de segmentos sociais diversos seriam aspectos de uma mesma degenerescência. Parece, assim, que as mudanças introduzidas com a nova composição das Sociedades não agradaram a todos que se envolviam na festa.⁵⁰

Os membros do Clube X, não concordando com tais avaliações feitas na coluna "Barafunda", decidem respondê-las no seu jornal, retomando a idéia de que o carnaval seria uma festa estrangeira. Para o *Dr. Extractum Carnis*, o autor do artigo de resposta, em alguns países o carnaval seria marcado pelo "luxo e ostentação", em outros pela "graça, o ridículo e o sarcasmo", e em outros ainda, pelo "espírito e delicadeza" dos mascarados que circulariam pelas ruas. No Rio de Janeiro, nem a primeira, nem a segunda, e muito menos a terceira forma de festejar o carnaval teriam lugar por um motivo muito simples: todas estas características estariam sobrepujadas pelo fato de ser esta uma "*praça puramente comercial*".

⁵⁰ No fim do seu artigo, entretanto, o autor elogia a presença no baile do Clube Fluminense dos Estudantes de Heidelberg, os Inimitáveis Carnavalescos, o Clube X e o préstito pelas ruas da cidade dos Tenentes do Diabo.

O problema, então, não seria apenas as Sociedades Carnavalescas ficarem à altura das aristocráticas senhoras da sociedade fluminense, mas de uma ampla reformulação de todos os grupos envolvidos na construção de um carnaval "civilizado":

*"Que quer, o Dr. Oscar da Barafunda do Diário do Rio de Janeiro? Que as Sociedades eduquem para o carnaval as famílias? Difícilima empresa, embora não impossível. Que as Sociedades se eduquem também a si para idêntico fim? É fácil."*⁵¹

O "doutor" do Clube X parece concordar até certo ponto com a avaliação do "doutor" do *Diário do Rio* sobre o carnaval. Sendo uma instituição estrangeira, o problema da sua adaptação estaria tanto nas Sociedades quanto no público, ambos "endurecidos" por uma tradição muito mais comercial que aristocrática das famílias. A diferença está em que, se o Dr. Oscar da Barafunda inclui as Sociedades Carnavalescas neste processo degenerativo, o Dr. Extractum Carnis não hesita em considerar as Sociedades como portadoras de muito espírito e distinção, já que empenhadas na sua auto-educação. O problema do Dr. Barafunda estaria no fato de não ter gostado das espirituosas críticas que um mascarado do Clube X lhe teria feito durante o baile do clube Fluminense.

A predominância de uma "elite comercial" na cidade seria a explicação dos problemas do processo de adaptação do carnaval; mas, longe de um processo de degenerescência, indicaria a necessidade de *educação* das famílias e das próprias Sociedades no sentido de se criar um carnaval e uma população dignos de uma cidade que se pretende "*moralizada e civilizada*", como diz o Dr. Barafunda.⁵² E esta educação seria tarefa das próprias Sociedades. É portanto uma discordância de

⁵¹ Dr. Extractum Carnis, "Folhetim - Labirinto", X, 1 de março de 1869.

⁵² O. J., "Folhetim do Diário do Rio - Barafunda", *Diário do Rio de Janeiro*, 8 de fevereiro de 1869.

fundo entre os dois folhetinistas sobre o conteúdo do "civilizado e moralizado" que cria a polêmica, pois a "excessiva" licenciosidade que o Barafundista classifica de degenerescência moral, para os foliões do Clube X não questiona nem um pouco a distinção social e os outros sentidos que eles procuram afirmar para a festa.

Esta polêmica nos revela que as modificações que diferenciariam tais Sociedades de suas antecessoras, além de não terem alcançado um consenso no fim da década de 1860, eram compostas de vários aspectos simultâneos e relacionados. A consolidação da composição comercial e masculina coincidiu com a ênfase numa comemoração mais "licenciosa" da festa. Ao mesmo tempo se conforma uma intenção "educativa" das Sociedades, que no momento em que ocorre a polêmica acima, ainda se volta muito mais para os seus próprios membros do que para o público, como podemos perceber pelas atividades paralelas ao carnaval que o Clube X se preocupa em desenvolver.

Do surgimento das Sumidades Carnavalescas até o fim da década de 1860, uma grande quantidade de Sociedades invadiu as ruas e os salões de baile do Rio de Janeiro tendo trajetórias bem diversas. As transformações pelas quais o Clube X passou foram aqui enfatizadas por demarcarem o processo de construção de um padrão de carnaval das Sociedades que vigorará posteriormente, principalmente ao longo dos anos 1880. Não se pode perder de vista que as outras organizações, embora inseridas neste processo, participassem dele de formas bem diferentes. Até porque, por volta de 1870, o Clube X já cedia espaço a novas Sociedades que passaram a aprimorar as novas formas de festejar o carnaval.

Uma dessas Sociedades, que até figurava entre aquelas que foram cumprimentadas pelo cronista da coluna "Barafunda" em 1869 são os Tenentes do Diabo. Nas descrições dos préstitos do carnaval de 1872, os membros do Clube X, apesar de terem marcado sua apresentação

com "ditos e pilherias chistosas", estavam em pouco número,⁵³ enquanto a Sociedade dos Tenentes do Diabo estava

*"elegantemente fantasiada, com a música em frente, além de grande porção de carros, onde iam os sócios vestidos a caráter e com gosto distinto (...) Os Tenentes do Diabo formam uma das primeiras sociedades carnavalescas entre nós. Graça, originalidade e luxo, nada poupam estes folgazões devotos do deus Momo nos torneios carnavalescos. É a sociedade que mais membros tem (...)."*⁵⁴

Já melhor sucedida que o Clube X neste momento, os Tenentes do Diabo reúnem riqueza e elegância, pré-requisitos para uma boa aceitação na imprensa, além de trazerem neste desfile um carro com algumas ridicularizações, o que era uma inovação,⁵⁵ assim como o uso das verbas destinadas ao desfile para a libertação de escravos.⁵⁶

Ao mesmo tempo em que se aproximam das suas antecessoras na forma de se organizar, na preocupação de realizar atividades fora do carnaval, no luxo e na elegância, os Tenentes do Diabo introduziam novas formas espirituosas de reverenciar Momo. Nisto, aliás, eram acompanhadas de outras sociedades de formação mais recente, como os Fenianos e Democráticos. Os primeiros adquiriram esta denominação numa homenagem à luta dos irlandeses pela sua república, numa referência ao seu próprio engajamento político⁵⁷ com a luta republicana. Os

⁵³ *Diário do Rio de Janeiro*, 14/15 de fevereiro de 1872.

⁵⁴ *Diário do Rio de Janeiro*, 12 de fevereiro de 1872.

⁵⁵ Ver Leonardo Pereira, *op. cit.*, pp.73-75.

⁵⁶ Ver, por exemplo, *Revista Ilustrada*, 4 de março de 1876 e Maria Clementina Pereira Cunha, *op. cit.*

⁵⁷ Ver: Dr. Lopes Trovão, "Apreciação do histórico dos Fenianos por uma carta do Dr. Lopes Trovão", na qual ele diz que "*Eu também fui vosso e por isso me fizestes vosso sócio honorário, graças às minhas idéias políticas. Vós fostes, como eu, republicanos (...)*", *Ao Congresso Nacional – Alguns apontamentos sobre o histórico do*

Democráticos devem seu nome a uma motivação semelhante: o seu primeiro estandarte, com listras negras e brancas, incluía um barrete frígio, símbolo da luta republicana.⁵⁸ A composição das três era predominantemente comercial, sem restrições à presença de estrangeiros.⁵⁹

As "ridicularizações" somadas às referências republicana e abolicionista por parte dos Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos podem, assim, ser lidas como a consolidação de uma transformação iniciada desde o Clube X, que envolve uma afirmação do carnaval como espaço de diversão masculina, simultaneamente pública e política. A associação destes aspectos torna-se central para o carnaval das Grandes Sociedades na década de 1880. A introdução da política, que passa a contar como mais um fator de exclusão das mulheres chamadas "honestas" dos préstitos, mas não ainda dos bailes, revela os termos em que se colocava a questão da emancipação feminina, referida muito antes pelo Clube X. As possibilidades de participação feminina neste novo carnaval restringem-se progressivamente.⁶⁰

clube dos Fenianos, Rio de Janeiro: Tip. da "Gazeta de Notícias", 1921. Ver também Maria Isaura Pereira de Queiroz, *op.cit.*, p.52.

⁵⁸ Jota Efegê, *Idem*, p. 85. "Fundado por empregados inferiores do comércio" diz o *Jornal do Commercio*, 26 de fevereiro de 1895, acrescentando que muitos conseguiram "colocar-se em boa colocação no comércio".

⁵⁹ Um dos fundadores dos Fenianos era um tal de Mister Chuck, segundo *Memória do Carnaval*, Rio de Janeiro: RIOTUR, 1991, p. 165. Ver também *Ao Congresso Nacional - Alguns apontamentos...* Rio de Janeiro: Typ. da "Gazeta de Notícias", 1921. Na composição original do Democráticos estavam presentes muitos portugueses, o que inclusive explica o trecho nos estatutos desta Sociedade que afirma admitir sócios "sem distinção de nacionalidade", Jota Efegê, *Figuras e Coisas do Carnaval Carioca*, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982, p.30, e *Estatutos do Club dos Democráticos*, Rio de Janeiro: Tip. Perseverança, 1881.

⁶⁰ Maria Isaura Pereira de Queiroz afirma que as "senhoras de boa família" eram excluídas do carnaval das sociedades, indicando uma perda da sua liberdade de ação existente no entrudo. Ver Maria Isaura Pereira de Queiroz, *op.cit.*, p.52.

As Sociedades dos Democráticos, Fenianos e Tenentes do Diabo consolidam-se e ganham um rápido destaque no panorama do carnaval do Rio de Janeiro – de tal forma que em 1881, as três subscrevem um encarecido pedido ao povo fluminense, apresentando-se como as:

"(...) Conservadoras das gloriosas tradições das sociedades Sumidades Carnavalescas, Veneziana, Bohemia e outras que souberam abrilhantar as festas do carnaval com o esplendor com que as abrilhantam as cidades mais cultas da adiantada Europa (...). Convictas, pois, de que seus folguedos são não só uma distração inocente para a população desta cidade, como e principalmente uma manifestação incontestável de seu adiantamento moral e civilizador, – unidas em uma só idéia , (...) as sociedades Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos apelam para a sensatez, para a inteligência, e sobretudo para a proverbial cortesia do povo fluminense, pedindo-lhe abstenção do entrudo, ao menos durante a passagem dos préstitos carnavalescos (...)".⁶¹

Há vários aspectos neste curioso manifesto que merecem ser examinados detidamente. O primeiro é a sua própria motivação: a permanência do entrudo. Ao contrário do que queria a esperançosa cronista do *Jornal das Senhoras* em 1855, o surgimento das Sociedades Carnavalescas não parece ter estimulado ninguém a abandonar o "ultrapassado" jogo das molhadelas; nem, como queria o já saudoso Clube X, tinham o progresso e a civilização alcance incontestáveis. A própria existência de um manifesto escrito de modo tão sério é um reconhecimento de que a persistência do entrudo estava tomando foros de uma verdadeira guerra no modo de ver destes foliões.

Ao mesmo tempo, é significativo que neste momento sejam evocadas as "*gloriosas tradições*" das antigas sociedades na tentativa de

⁶¹ *Gazeta de Notícias*, 28 de fevereiro de 1881.

Entre as seis distintas Sociedades estão o Clube X e os Fenianos, e a principal atração anunciada é o sorteio de um mimo pelos presidentes das Sociedades e pelo juiz do teatro, o que indica a importância de suas presenças nestes bailes.

A descrição jornalística de um desses bailes do teatro Lírico no ano anterior ressalta a cortesia com que eram trocadas saudações entre as Sociedades que adentravam no recinto do teatro, dirigindo-se em seguida a camarotes reservados e entregando-se ao "*jogo do pulo e do can-can*",⁶³ o que não livrava o teatro de ser palco de distúrbios como o que se deu entre "*aspirantes da marinha, as sociedades carnavalescas Tenentes do Diabo, Estudantes de Heidelberg e pessoas do povo, que se achavam presentes*".⁶⁴ Significativamente, no entanto, o jornal se apres- sa a retificar a notícia no dia seguinte negando que os Tenentes estives- sem envolvidos na desordem, antes tendo contribuído para desfazê-la, como convém a "*cavalheiros de boa sociedade*".⁶⁵ O episódio, além de mostrar que cavalheiros de boa sociedade não garantiam necessariamente um baile fino e espirituoso, revela o prestígio que os tais cavalheiros adquiriram, a ponto de fazer o jornal se desculpar.

Se já no fim da década de 1860 cronistas reclamam da exagerada exibição licenciosa nos bailes, na década seguinte tal percepção não só se confirma como é até exaltada por outros cronistas:

*"As namoradas dos dias de carnaval são outras! São as Fri- néias, as Aspásias! (...) Mas que remédio? Com quem se há de dançar no teatro? As meninas de família não hão de ir para lá dançar o can-can (...)."*⁶⁶

⁶³ *Diário do Rio de Janeiro*, 28 de fevereiro/1 de março de 1870.

⁶⁴ *Diário do Rio de Janeiro*, 14/15 de fevereiro de 1872.

⁶⁵ *Idem*, 16 de fevereiro de 1872.

⁶⁶ "Folhetim da Gazeta de Notícias - Carnaval" *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1877.

A ausência das meninas de família, ainda que como uma desculpa para a diversão licenciosa do autor torna-se significativa a partir deste momento. O can-can, dança não recomendada às meninas de família, parecia ser o fundo musical para que cavalheiros de boa sociedade pudessem usufruir da liberdade proporcionada pelos dias de folia. As referências mitológicas são garantias de elegância na diversão. O que parece ocorrer, enfim, é a compatibilização não só entre a presença, mas entre a exaltação da licenciosidade carnavalesca, e a afirmação de padrões de distinção social.

No entanto, a partir da metade da década de 1870 as Sociedades começam a inaugurar suas sedes e a fixarem lá seus bailes carnavalescos, que surpreendentemente são estritamente restritos aos sócios e familiares, no melhor estilo da pioneira União Veneziana. Os bailes passam a ser cada vez mais fechados e sua frequência determinada pelas mensalidades em dia e por convites da diretoria.⁶⁷ Mesmo assim, alguns anúncios de bailes não deixam de ser duvidosos, como um dos Tenentes ("*Podeis trazer vossas cleópatras*") que não parecem ser dos mais familiares.

Os mesmos Tenentes dão asas à imaginação ao descreverem uma "soirée" pré-carnavalesca:

"Esteve esplêndida a última soirée. As Niniches mais célebres e mais adestradas no movimento rápido das tíbias, cá estiveram ostentando as suas graças diabólicas às cintilações cruas do gás limited. (...) Mulheres lânguidas, decotadas, na febre do prazer, cancanavam com fúria. Outras (...) recostavam as louras cabeças ao ombro viril de impávidos Tenentes. A banda alemã espirrava notas estrepitantes das valsas doidas de Strauss. (...) Depois, ao romper d'alva, quando o sol começava a sacudir a vasta cabeleira luminosa no reino azul do

⁶⁷ Ver *Gazeta de Notícias*, 6 de janeiro de 1876 e 29 de fevereiro de 1876.

*fulminador de Satã... foi cada um para sua casa, com sua mulher e seus filhos.*⁶⁸

A ambiguidade entre a licenciosidade e a familiaridade do baile, explorada com humor pelos Tenentes do Diabo, indica a importância da imagem licenciosa veiculada ao longo da década de 1880. Ao contrário dos tempos de "Christina", os bailes passam a ser cada vez mais monopolizados pelos autodenominados "senhores da alegria"⁶⁹, que através desta licenciosidade carnavalesca, construía toda a festa em função de si mesmos. Sobrava, pelo menos nos discursos, cada vez menos alegria e prazer para os outros, os espoliados das suas possibilidades autônomas de diversão.

Os préstitos, ao contrário dos bailes, passaram a atingir um público cada vez mais amplo. Os trajetos a serem percorridos já eram anunciados por importantes jornais, mas ao longo da década estes passaram a ceder um espaço cada vez maior para que as Sociedades pudessem criar situações de suspense e curiosidade em relação às "idéias", ou seja, aos carros de ridicularização sobre a política e cotidiano.⁷⁰ Estes carros cada vez mais voltam-se a uma ferrenha crítica ao Imperador e à escravidão, não sendo raro os carros que traziam escravos libertados com os fundos das Sociedades. Os anúncios, que antes eram majoritariamente voltados para os próprios sócios,⁷¹ passam a ser dirigidos ao "povo fluminense".

⁶⁸ *O Diabo da Meia Noite*, 17 de janeiro de 1880.

⁶⁹ Ver o puff dos Tenentes do Diabo: "*Vinde pois a nós, Camélias! A nós, senhores da alegria!*", *Jornal do Commercio*, 26 de fevereiro de 1884.

⁷⁰ Ver, entre outros, *Diário do Rio de Janeiro*, 11 de fevereiro de 1872 e 9 de fevereiro de 1875.

⁷¹ Ver, por exemplo, o *Diário do Rio de Janeiro*, 17 de fevereiro de 1871 e *Gazeta de Notícias*, 5 de fevereiro de 1877.

Simultaneamente, ganham cada vez mais espaço os luxuosos "carros de alegoria", que vinham entre os carros críticos, trazendo mulheres fantasiadas ao lado de sócios ou empunhando o estandarte de clube. Assim é que os Tenentes do Diabo, depois de falarem dos carros de idéias, anunciam triunfalmente:

"Agora, meninas, o terror de vossos pais, a insônia de vossas mães, o desespero de vossas tias (...)! Somos nós e as nossas costelas postiças, as nossas esposas provisórias, as nossas Evas de três dias (...).

Meninas formosas - agora é que é puxar pelas idéias. Nós somos uns rapagões bonitos, e não temos medo de desgraças. Se se apaixonarem, não façam cerimônias, nós cá 'estemos'! (...) E resolvidos a casar (...).⁷²

No carnaval público marcado pela política, os lugares para as mulheres estão claramente demarcados. A presença das "esposas provisórias" ganha destaque central no desfile. Às meninas formosas restaria, novamente, o recatado lugar de público. A linguagem carnavalesca, no entanto, junta todas elas para que os "*rapagões bonitos*" exaltem suas próprias prerrogativas de se divertirem tanto com estas quanto com aquelas.

Na linguagem dos carnavalescos a presença feminina, ainda que em alguma medida possa ser central e também pública, é destituída da dimensão política, remetida à construção de uma licenciosidade e de uma auto-imagem dos "moços". No caso das "meninas formosas", trata-se de uma licenciosidade controlada, relacionada às antigas liberdades possibilitadas pelo entrudo. Agora, no entanto, são utilizadas no seu combate e na conformação do seu papel de público, perdendo a dimensão de autonomia viabilizado anteriormente pela brincadeira.

⁷² *Gazeta de Notícias*, 11 de fevereiro de 1877.

Nascidas sob a égide da ostentação da distinção social, ficaram logo conhecidas como "elegantes e distintas Sociedades", mas passaram por tantas transformações que a partir da turbulenta década de 1880 passaram a ser conhecidas como as "Grandes Sociedades Carnavalescas". Além da grandeza, indicativo de popularidade, as Sociedades ficaram desde então marcadas por uma linguagem licenciosa, que serviu para a construção de uma auto-imagem e ao mesmo tempo para viabilizar uma comunicação com o público.

II - O império dos sentidos

"É consagrado a vós este número do Diabo da Meia Noite, ó formosíssimas filhas da Guanabara! (...) vós em cujos cabelos ondulantes e vitoriosos, soltos à livre viração da tarde, parece flutuar uma idéia palpitante de progresso; que ao vosso piano sabeis admiravelmente executar as notas patrióticas da Marselhesa (...) Vós que sois a um tempo atraentes (Não nos referimos à polca da dona Chiquinha) e virtuosas, sedutoras e honestas (...). Não nos molheis, oh!, sobretudo não nos molheis! Sabeis quem é o Entrudo, ó formosíssimas fluminenses? É um garoto muito pulha, (...) obsceno e imundo, nojento, grosseiro, repelente, insuportável, agredindo-vos, molhando-vos, sujando-vos, quando vós transitais pela rua do Ouvidor (...)." ⁷³

Depois de quase três décadas de existência, as Sociedades Carnavalescas ainda não tinham alcançado seu objetivo primordial: a extinção do entrudo e a introdução de um "legítimo" carnaval no Rio de Janeiro que tivesse a capacidade de conferir foros de civilidade à sua população. Com o tempo consolidou-se **uma espécie** de "vocação pedagógica" para o conjunto das Sociedades, voltadas para desenvolver pelo menos nas elites da corte um gosto pelos novos e refinados festejos carnavalescos. Explica-se daí o pedido às "filhas da Guanabara" publicado no órgão do clube para que se abstivessem do jogo do entrudo.

⁷³ *O Diabo da Meia Noite*, 26 de fevereiro de 1881.

O primeiro passo dos Tenentes do Diabo em seu pedido publicado no *Diabo da Meia Noite*, o jornal que inaugura a chamada imprensa carnavalesca na década de 1880, é atribuir um alto grau de civilidade ao público feminino. Para isso, delimitam-no entre as formosas fluminenses que, envolvidas pela idéia de progresso, cultivam hábitos refinados e ilustrados.⁷⁴ Em contraposição, definem o inimigo entrudo como uma ameaça, relacionando-o às idéias de sujeira, agressividade, vileza, e até obscenidade, quase que transformando as formosas fluminenses em indefesas vítimas. Só não transforma efetivamente porque o próprio artigo nos dá a inferir que elas mesmas estavam entre os persistentes praticantes da brincadeira.

Apesar de se direcionar a mulheres reais possuidoras de tais características civilizadas, a referência ao feminino poderia ter sido escolhida para reforçar as associações com as idéias de refinamento e delicadeza. Tal procedimento revela-se então como uma estratégia para viabilizar a intenção pedagógica dos Tenentes do Diabo que se voltava para um público não apenas feminino, embora certamente fosse tido como civilizado.

Segue a mesma lógica "pedagógica" a forma como o entrudo é descrito. Ao configurarem-no como uma ameaça às virtuosas fluminenses, os foliões das Sociedades se transformam em seus defensores, ou como diriam os Democráticos, em "*denodados batalhadores carnavalescos*".⁷⁵ Neste sentido estão os apelos dos Fenianos em uma de suas publicações:

*"É a ti oh! belo sexo
Símbolo da delicadeza*

⁷⁴ Com este objetivo, chegam até a apropriar-se da polca de Chiquinha Gonzaga, apontando a permanência de seu sucesso nos bailes de distintos salões desde o carnaval de 1877. Ver Edinha Diniz, *Chiquinha Gonzaga – uma história de vida*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991, p.95.

⁷⁵ *O Demócrito*, 1 de março de 1881.

*A ti que és o reflexo
De tudo que é puro;
É a ti que suplicamos
A ti que dominas tudo:
Que – como nós guerreamos
Guerreies tu o entrudo (...).*⁷⁶

Retomando as estratégias anteriores, os Fenianos se referem ao "belo sexo" explicitamente por ser símbolo de delicadeza. Reforçando a exaltação de suas interlocutoras quando suplicam, não deixam por isso de afirmar-se como guerreiros. A recorrência dos termos bélicos nas falas dos membros das Sociedades quando se referem ao entrudo possibilita a criação de uma auto-imagem de heroísmo e de coragem que se completa com o passado glorioso das primeiras Sociedades. Assim, oposição ao entrudo acaba servindo para uma idealização tanto do público quanto de si próprios.

A construção deste público feminino e ideal não passava apenas por uma exaltação dirigida a um "belo sexo" abstrato e indefinido. São os "denodados" Democráticos, que aproveitando o provável debate sobre a existência de brasileiras estudando medicina nos Estados Unidos na época,⁷⁷ dirigem-se às senhoras fluminenses:

*"Senhoras. Abriu-se o horizonte à vossa inteligência:
Já tendes academias e tendes professoras;
Ide, e estudai nos livros da ciência,
Para acabar a Mulher, haverem só doutoras.*

*Quero antes mil beijinhos
Do que afagos de bisnaga;*

⁷⁶ *Farpas Fenianas*, 19 de fevereiro de 1881.

⁷⁷ *A Mulher*, periódico ilustrado de literatura e belas-artes, consagrado aos interesses e direitos da mulher brasileira, era um jornal publicado em Nova Iorque pelas duas estudantes de medicina brasileira, em 1881.

*Outros tantos dou em paga
A quem me der mil beijinhos.
Eu aborreço os carinhos
que nos molha, até alaga;
Quero antes mil beijinhos
Do que afagos de bisnaga. (...).⁷⁸*

O pedido, como os outros, é pelo fim do entrudo. Neste trecho, porém, a referência à médica nos dá a medida dos termos da comunicação pretendida pelas Sociedades. Os Democráticos cultivam uma idéia de "feminino" incompatível com qualquer proximidade da "razão" e dos conhecimentos científicos a um tal ponto que mulheres, se são médicas, deixam de ser mulheres. A segunda estrofe, convenientemente, repõe a imagem desejada pelos Democráticos: para os nossos foliões nem médicas, nem bisnagas; é a linguagem dos sentimentos, dos "beijinhos" que os agrada.

Tantas súplicas, exaltações e estratégias de guerra indicam a importância que a incômoda persistência do entrudo adquirira para as Sociedades; afinal, se isto era uma guerra, fato incontestável era que estava muito longe de ser ganha.⁷⁹ Ao mesmo tempo, no entanto, também indicam que as referidas interlocutoras não se conformaram à imagem dos Fenianos, nem aceitaram as restrições às suas diversões carnavalescas. Estavam preocupadas em serem civilizadas, só que por outros caminhos, que podiam ser por exemplo a medicina sem deixar de lado o entrudo.⁸⁰ As notícias de incidentes envolvendo a brincadeira nos jor-

⁷⁸ *O Demócrito*, 1 de março de 1881.

⁷⁹ Descrições como estas eram recorrentes por toda a década de 1880: "O último dia de carnaval apenas se diferenciou dos dois primeiros por maior quantidade de gente nas principais ruas da cidade e igualmente por maior quantidade de águas dispendidas no (...)jogo do entrudo", *Gazeta de Notícias*, 18 de fevereiro de 1885.

⁸⁰ Não era apenas em função das suas distintas praticantes que se concentravam as funções e sentidos da brincadeira. Se a tensão aqui era entre a condição civilizada das

nais parecem acompanhar este movimento. A imagem generalizada de vitimização das mulheres envolvidas nos conflitos frequentemente era quebrada através de notícias em que elas mesmas eram as causadoras dos incidentes jogando entrudo em rapazes que podiam não se divertir nem um pouco com a brincadeira.⁸¹

Segundo um cronista, poderíamos pensar que as Sociedades alcançaram seu intento ao levarem pacatos pais de família a correrem o risco de voltarem para casa encharcados somente para

*"obterem uma boa colocação para as suas filhas e as suas sobrinhas e as suas comadres e as suas afilhadas, desejosas de verem desfilar os carros ricos de idéias dos Fenianos, e os ricos carros de idéias dos Tenentes."*⁸²

A suposição de um ávido e amplo público feminino interessado nos carros das Sociedades, seja pela riqueza ou pelas críticas, convive com a valorização que os literatos do período faziam das Sociedades Carnavalescas em oposição à idéia de que as ruas estariam repletas de perigos devido ao entrudo.⁸³ Para validar a oposição carnaval x entrudo, o cronista deixa de lado uma série de aspectos dos desfiles das Sociedades, certamente considerados secundários por ele,⁸⁴ mas que não eram para as próprias Sociedades, e podiam não ser para o seu público.

mocinhas e o sentido bárbaro atribuído pelas Sociedades, é importante pelo menos citar outros sentidos não contemplados por ela. Muitos dos limões de cheiro eram vendidos por moças pobres, que tinham neles o seu sustento nos dias de carnaval. Para elas, o sentido destes dias podia estar fortemente ligado ao seu cotidiano, e não como uma exceção. Ver *Revista Ilustrada*, 26 de fevereiro de 1881.

⁸¹ Ver, entre outros, *Gazeta de Notícias*, 21 e 27 de fevereiro de 1881, *Gazeta de Notícias*, 23 de janeiro de 1883.

⁸² *Gazeta de Notícias*, 31 de janeiro de 1885.

⁸³ Ver Leonardo Pereira, *op.cit.*, pp.166-173.

⁸⁴ Ver Leonardo Pereira, *op. cit.*, pp. 90-91.

A descrição do préstito dos Fenianos em 1883, por exemplo, dava destaque a um

*"lindíssimo carro em forma de cornucópia com o estandarte levado por uma dama ricamente fantasiada (...). De permeio, entre os chamados das idéias, viam-se numerosos carros com sócios e damas vestidos todos com muito gosto e riqueza."*⁸⁵

Carros trazendo estandartes, alegorias, mulheres ricamente vestidas ao lado de sócios dos clubes constituíam parte importante dos préstitos das Sociedades no período. Apenas na referência à riqueza dos carros esta descrição se aproxima da expectativa do cronista, o que revela no mínimo uma disparidade entre os modos de ver do literato e dos foliões. Se para o cronistas carros como o descrito acima podiam ser desprezíveis, ou de importância secundária, certamente não o eram para os foliões, que tinham neles oportunidade de desfilar diante do público ao lado das suas esposas provisórias.

Os carros alegóricos, aliás, não chegavam a estar tão separados dos carros de crítica. Muitas vezes, assuntos sérios podiam aparecer misturados a estandartes e alegorias, como ocorreu no desfile dos Fenianos em 1886:

*"Manda-chuvas – o carro do estandarte levava uma coroa roída em diversas partes por uma infinidade de ratinhos... republicanos; seguia o carro uma guarda de honra com cinco representantes do belo sexo."*⁸⁶

Como em muitos outros casos, o carro do estandarte, símbolo do clube, trazia alguma referência a temas de grande importância como era, para os Fenianos, a luta republicana. Ao mesmo tempo, a guarda

⁸⁵ *Jornal do Commercio*, 7 de fevereiro de 1883.

⁸⁶ *Gazeta de Notícias*, 10 de março de 1886.

de honra, onde mais uma vez aparecem as representantes do belo sexo, poderia servir para criar a aparência de luxo e riqueza tão cara ao nosso cronista, e para ressaltar o próprio estandarte e a crítica à monarquia. Para os Fenianos, a divulgação de seus projetos políticos podia não estar em contradição com a exibição de mulheres, luxo e riqueza, mas um aspecto podia ser usado simultaneamente ao outro, até com a intenção de reforçá-lo.

No mesmo sentido pode ser interpretado o carro de um grupo interno dos Fenianos, o Grupo dos Girondinos, que apresentavam ao público dois escravos libertados por eles no carnaval do ano seguinte:

*"Guarda o carro acima uma compacta multidão de Carlotas Corday, vestidas negligentemente de amazonas da liberdade, investindo contra a bastilha da escravidão."*⁸⁷

A prática de libertar escravos e exibí-los nos préstitos foi característica de toda esta década, sendo cada vez mais recorrente em todas as Sociedades nos últimos anos anteriores à abolição. Tal prática rendia muitos aplausos populares constituindo um inquestionável fator de popularidade dos préstitos.⁸⁸ Novamente a presença feminina auxilia a caracterização de outra questão central para as Sociedades, a luta contra a escravidão. A sugestiva descrição das amazonas da liberdade como "negligentemente" fantasiadas permite-nos imaginar que certamente sua função, além de caracterizar a crítica, era também de chamar a atenção do público para o carro.

⁸⁷ *Diário de Notícias*, 22 de fevereiro de 1887.

⁸⁸ Leonardo Pereira sugere que o público se empolgava mais com os carros que traziam os libertos e com a presença das mulheres do que com os carros de exaltação aos abolicionistas, indicando os diferentes significados que os assuntos abordados tinham para as Sociedades e para os diversos grupos que assistiam os préstitos, Leonardo Pereira, *op. cit.*, cap. II.

A popularidade desses carros era atestada pelas descrições dos préstitos publicadas nos jornais, confirmando a aceitação positiva que a presença feminina tinha por parte de pelo menos uma parcela do público. Assim, o *Diário de Notícias* confere destaque ao carro que representava o "Nascimento de Vênus", do préstito dos Democráticos em 1887, que exibia "em toda sua opulência de vida e formosura" uma Vênus que carregava o estandarte e "passava triunfante entre palmas e aclamações". No mesmo préstito vinha uma "altiva e dominadora" figura da Democracia, também "freneticamente aclamada".

A presença de mulheres nos carros representando figuras mitológicas ou entidades como "A Democracia" ou "A República" contribuiu por todo o período para a divulgação do modelo de carnaval das Sociedades, servindo para evidenciar o cultivo do luxo e da opulência e os seus posicionamentos políticos. Este modelo de carnaval e os ideais políticos poderiam ser aplaudidos pelos mais diversos motivos, não necessariamente por aqueles dos membros das Sociedades. Afinal, não é absurdo imaginar que uma mulher luxuosamente fantasiada – e ao mesmo tempo pouco vestida – desfilando pelas ruas do Rio de Janeiro diante de um variadíssimo público, fosse aclamada por outras qualidades que não a de representar os ideais republicanos compartilhados por alguns ilustrados e distintos homens.

De qualquer modo, ainda não conseguimos entender as razões que levaram o nosso cronista a ignorar solenemente esta presença feminina nos préstitos. Seria o caso de nos perguntarmos, então, quem seriam essas Vênus merecedoras de tantos aplausos pelas ruas do Rio de Janeiro. Um jornal define como "sócias" àquelas que acompanham os sócios dos clubes em carros que seguem os chamados alegóricos ou os de idéias;⁸⁹ no ano anterior, desfilam entre dois carros de idéias dos Fenianos

⁸⁹ *Gazeta de Notícias*, 23 de fevereiro de 1887.

"deusas do paganismo, em roupagens de gaze e escomilha", descrição que destaca a transparência das suas fantasias. Atrás de outro carro de idéias, apresentam-se "mais carros de fantasia com olímpicas deidades em nuvens de arminhos e rendas, chamando a atenção para o carro triunfal do chefe feniano".⁹⁰ Neste caso, o papel das "deidades" é explicitamente definido em função do carro que traria o chefe Feniano.

Os grandes jornais, pelas indicações acima, não nos dão a conhecer a identidade dessas mulheres, confinando-nos a um universo de divindades gregas, alegorias e entidades. Alguns homens das letras, no entanto, arriscam-se a ir além, identificando a razão da exibição dessas mulheres, como um "Tirintim" que se lamenta:

"Mudaram-se os tempos: d'antes o carnaval servia para fazer com que não fossem conhecidas as mulheres que quisessem amar. Hoje é o contrário.

Ele serve apenas para as fazer conhecidas do público.

O carnaval deixou de ser uma tradição para ser simplesmente uma tabuleta."⁹¹

Para o nostálgico literato, a função destes carros é exatamente fazer com que essas mulheres atinjam uma popularidade junto ao público, ao contrário de um suposto passado de triunfo do pudor. Considerando que a atual característica significaria a perda de uma tradição carnavalesca, o literato confere-lhe um sentido negativo.

Sua opinião, no entanto, deixava de ser uma simples constatação nostálgica ao ser inserida no interior do debate entre os literatos sobre este caráter imoral que as Sociedades teriam adquirido,⁹² do qual participa também aquele literato que anteriormente tinha estrategicamente

⁹⁰ *Diário de Notícias*, 9 de março de 1886.

⁹¹ "Tirintim", *Crônica, O Mequetrefe*, 10 de fevereiro de 1883.

⁹² Ver Leonardo Pereira, *op. cit.*, cap. II

exaltado os carros de idéias e ignorado este controvertido lado dos préstitos. Outros, ao contrário, tratam diretamente do assunto, externando suas restrições às "*rameiras de baixa extração*",⁹³ descrevendo-as mais que sugestivamente como "*mulheres semi-nuas, mostrando os seios opulentos, onde descansou por tempo determinado, e a preço fixo, quase toda a população masculina*",⁹⁴ enfim, considerando os préstitos como sendo uma ocasião de "*exibição de prostitutas*", resultante da inclinação da mocidade pelas "*mulheres fáceis*".⁹⁵ O problema, para Arthur Azevedo, o mais combativo deles, não estava tanto na inclinação pelas mulheres fáceis, mas no exagero da exibição pública que se faz delas.

A caracterização incomodada destas mulheres feita pelos literatos nos indica a existência de uma diversidade de significados das suas presenças nos carros alegóricos. Se para as Sociedades elas só faziam reforçar o caráter moderno e civilizado do seu carnaval, além de torná-lo popular, para alguns literatos – Arthur Azevedo à frente – a origem "duvidosa" destas mulheres acabava por comprometer a moralidade da festa, que contava entre seu público com famílias respeitáveis da corte. A divergência entre literatos e foliões era, em última instância, do próprio conceito de civilidade que cada grupo cultivava.⁹⁶ De qualquer forma, os próprios literatos são os primeiros a reconhecer que, mal ou

⁹³ Eloy, o herói (Arthur Azevedo), "A propósito do carnaval" *O Mequetrefe*, 20 de março de 1886.

⁹⁴ Crônica de 1886 transcrita por Ciro de Azevedo, *Um ano de Imprensa*, Rio de Janeiro: Tip. Montenegro, 1887, p.46.

⁹⁵ Arthur Azevedo, "Crônica Fluminense", *Vida Moderna*, 12 de fevereiro de 1887.

⁹⁶ E remete ao debate sobre a regulamentação da prostituição, iniciado desde essa época por médicos e juristas e que trata justamente deste caráter público que a prostituição toma, incompatível com seus ideais de civilidade para o Rio de Janeiro. Ver Margareth Rago, *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, cap.II: "Opacidades".

bem, a popularidade que efetivamente estas mulheres conquistavam era inquestionável: "Ninguém se escandalizava com isso: as famílias eram as primeiras a aplaudir esta ostentação de carnes femininas", relembra Olavo Bilac anos depois.⁹⁷

O próprio Arthur Azevedo, na intenção de revelar os prejuízos morais causados por ela, acaba nos dando indícios para relativizar a imagem que ele mesmo ajuda a construir:

"Há anos havia aqui uma sirigaita da pior espécie, moradora à rua de S. Jorge, em casa paga por um guarda urbano apaixonado e terrível. Um moço bem educado, que pertencia a um certo clube carnavalesco teve a fraqueza de se embeijar por ela, e, para provar-lhe definitivamente o seu afeto, ofereceu-lhe o lugar de borboleta num belo carro alegórico, representando uma taça de champagne derrubada. A urbana aceitou, com grande desespero do urbano, e andou, na terça-feira gorda, por essas ruas, comprimida num magnífico vestuário de cetim branco, franjado de ouro e prata, e enfeitada por um par de asas diáfanas e vaporosas.

Toda esta 'mise en scene' naturalmente embelezou-a por tal forma, que acendeu a concupiscência de quanto gamenho assistiu ao desfilar do préstito. (...) Poucos dias depois do carnaval, davam-lhe casa nobre, em bairro mais decente. O próprio 'club-man' que a elevara à altura...de uma alegoria, teve que ceder o passo a concorrentes mais apatacados e resolutos (...)."⁹⁸

Apesar de longa, a história contada por Arthur de Azevedo é bastante reveladora para nós. Obviamente ela é usada com o fim de desestimular a "apatacada" mocidade carnavalesca a se divertir com estas

⁹⁷ Olavo Bilac, "O Carrilhão da Bruxa", *A Bruxa*, 5 de março de 1897.

⁹⁸ Eloy, o herói (Arthur Azevedo), "De Palanque", *Novidades*, 25 de fevereiro de 1888.

"borboletas", que, além de afrontarem a moral pública, ainda por cima não seriam confiáveis, podendo voar traiçoeiramente na direção de outros benfeitores.

Vamos, então, às revelações que a história nos traz. Primeiro ficamos sabendo que para merecer a alcunha de "prostituta", "rameira", "sirigaita" e similares, por parte de literatos como o Arthur, basta que a moça em questão provenha de um bairro popular. Sua origem "popular", por assim dizer, já garante a qualificação de "duvidosa", e a desqualificação, *a priori*, de qualidades as mais diversas, da moralidade à beleza. Afinal, só depois de devidamente comprimida na sua provocante fantasia de borboleta é que pôde a moça impressionar o público masculino e endinheirado, ignorando o autor o fato do bem-educado moço já ter se encantado pela moça quando esta ainda não passava de "sirigaita".

Chegamos, então, à segunda revelação. O literato, imerso na sua campanha moralizadora, transforma em constatação aquela inferência anterior sobre a popularidade das Sociedades e dos carros alegóricos. Para boa parte do público masculino, o grande momento do desfile certamente era a passagem dessas "borboletas", que também podiam ser "repúblicas", "liberdades" ou "democracias", não encantando-os apenas pelo luxo, gosto ou mensagem dos carros. Além disso, evidencia-se o grau de distinção social do público envolvido pelas alegorias, e dos próprios sócios dos clubes, e a sua disposição em gastar seu dinheiro.

O mais importante, porém, são os indícios dos sentidos que o desfile teria para as próprias moças. A vontade desta em desfilar de borboleta mostrou-se suficientemente grande para que ela largasse o "apaixonado e terrível" urbano em troca não apenas de aplausos, mas de plausíveis benefícios materiais. A ascensão social, embora altamente degradante na fala do Arthur Azevedo, é certamente uma motivação

real para moças como aquela, que conseguiu até uma casa em "bairro mais nobre", melhorando substancialmente de vida.

Este aspecto também aparece no romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado em 1895. Uma das personagens é Dona Carolina, uma portuguesa que vivia de alugar quartos à rua da Misericórdia. Com seus vinte anos, tinha "aberto casa" na rua da Lampadosa. "*Bom tempo! O dinheiro entrava-lhe pela porta em jorros como a luz do dia (...). Já era gorducha, então: chamavam-na Carola Bunda, um apelido de mau-gosto, uma invenção da rua...*".⁹⁹ Mas, "*como tudo passa*", Carolina adoeceu e ficou na miséria. Até que

"num dia de carnaval (lembrava-se bem!), que começou a mudar de sorte. Um clubezinho pagou-lhe alguns mil-réis para ela fazer de Vênus, no alto de um carro triunfal. Foi um escândalo, um 'sucesso': atiraram-lhe flores, deram-lhe vivas, muita palma, presentes – o diabo! Durante quase um ano só se falou na Carola, nas pernas de Carola, na portuguesa da rua do Núncio.

Narrava isso com lágrimas e suspiros de profunda saudade (...)."¹⁰⁰

É significativo que o autor se preocupe em enfatizar a fama adquirida no desfile como um fator de satisfação pessoal. Para Carola, a oportunidade de desfilar num préstito carnavalesco, além de possibilitar vantagens financeiras imediatas, seria lembrada com saudades, como um motivo de orgulho pelo sucesso obtido.

Há, no entanto, uma diferença entre este caso e aquele narrado por Arthur Azevedo. Neste, o clube carnavalesco não é apresentado como um dos distintos herdeiros das gloriosas tradições das primeiras

⁹⁹ Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991, p.53.

¹⁰⁰ *Idem*, p.54.

Sociedades, mas como "*um clubezinho*" qualquer – o que é revelado pela própria necessidade de pagar às suas Vênus saídas da "miséria" para que desfilassem. Já na década de 1880, então, o modelo de carnaval das Grandes Sociedades – ou pelo menos parte dele – parece se divulgar e conquistar outros homens menos "apatacados", mas dispostos a gastar "*alguns mil-réis*" para repetir a exibição das Vênus propiciando valiosos momentos de glória para muitas Carolinas.¹⁰¹

É interessante notar a mudança que ocorre também na caracterização da protagonista. Sem ser taxada preconceituosamente, Carola é caracterizada como uma mulher que precisando sobreviver assumiu diferentes funções ao longo da vida, o que inclui "abrir casa" na juventude, e também alugar quartos quando mais velha. Isso, no entanto, não impede que o passado pouco louvável de "Carola Bunda" acabe sendo associado ao caráter público da sua função de uma Vênus.

Estes casos referem-se a mulheres pobres que se relacionam com clubes de diferentes graus de distinção social. Para as Sociedades do nível das grandes Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos, as mulheres que desfilam não necessariamente foram "descobertas", mas já tinham uma profissão de caráter público, como mais uma vez nos revela Arthur Azevedo:

*"Dizem-me que a atriz *** será exibida no tope de um carro alegórico, já não sei de qual das sociedades carnavalescas. (...) Cumprimento à sociedade em questão, mas não dou os parabéns à arte dramática, nem mesmo à Operética."*¹⁰²

Previsivelmente o autor considera a exibição no desfile como fator de desonra para a atriz e para a arte dramática. Com isto, porém,

¹⁰¹ É o caso do Clube dos Progressistas, de que trata Leonardo Pereira, *op. cit.*, cap. II.

¹⁰² Arthur Azevedo, "Crônica Fluminense", *Vida Moderna*, 19 de fevereiro de 1887.

ele acaba indicando que a participação nos préstitos de mulheres como ela era fator de popularidade garantida para a Sociedade. A própria atriz, inclusive, podia ver o desfile como um momento de vantagens profissionais. Como a sua profissão já tinha um caráter público, sua exibição no carnaval não era assim motivo de estranhamento para ninguém.

Nos jornais, entretanto, a identidade das mulheres que desfilam nas Grandes Sociedades quase sempre permanece cuidadosamente oculta, senão para manter uma aparência de moralidade, ao menos para criar a idéia de distinção, desvinculando-as de suas origens. Há, porém, alguns momentos em que elas perdem a aura mitológica que as envolve:

*"De um carro do préstito dos Democráticos, na rua do Ouvidor, caiu uma mulher, que foi transportada sem sentidos para o hotel Ravot, onde reside".*¹⁰³

A frieza com que a notícia é descrita contrasta com as grandiosas descrições dos carros alegóricos. Mesmo assim, a notícia revela a residência da acidentada: um famoso hotel, também localizado na distinta rua do Ouvidor, cujas janelas eram alugadas nos dias de carnaval por propiciarem uma visão privilegiada das passagens das Sociedades Carnavalescas.¹⁰⁴ Sua importância é também atestada pelas lembranças de infância de um certo H. A., que descreve o "*célebre hotel Ravot*", como um

¹⁰³ *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro de 1887. A queda de mulheres dos carros alegóricos era recorrente, tendo sido noticiada uma no ano anterior no *Diário de Notícias*, 11 de março de 1886 e uma que chegou a morrer em 1889, *Novidades*, 6 de março de 1889.

¹⁰⁴ Ver *Gazeta de Notícias*, 26 de fevereiro de 1881.

*"sobradão que tomava metade do quarteirão. As mulheres sentadas ou debruçadas à janela, chamavam ou faziam sinais às pessoas que passavam nas ruas."*¹⁰⁵

As lembranças deste homem nos dão a dimensão grandiosa que o hotel deveria ter, além de revelar quem eram suas moradoras.

Estas lembranças são confirmadas por um conto de Arthur Azevedo escrito no período. Nele o autor narra a história de um pândego que, resolvido a se divertir no carnaval, saiu pelas ruas vestido de frade, com um nariz postiço *"ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravot, acompanhando um préstito"*.¹⁰⁶ A identificação da moradia da "sujeita" já parece ser indicação suficiente para os personagens e os leitores entenderem que tipo de "sujeita" se trata. Este caso, assim, não se refere a uma "descoberta" de um longínquo bairro, mas da exibição nos carros daquelas que se exibem nas suas janelas durante o resto do ano. Diferem-se de uma "Carola Bunda" pelo próprio espaço distinto que frequentam, e pelos carros luxuosos nos quais desfilam. Neste sentido, podem até se aproximar mais das atrizes, na medida em que vêm no desfile um momento de ascensão não social, mas profissional. Para ambas, o mais importante é a popularidade que adquirem com um público masculino e pagante. O carnaval, como reclamava um literato anteriormente, seria para elas "simplesmente uma tabuleta".

A popularidade alcançada por estas mulheres é, apesar de tudo, fortemente marcada pelos jornais. É o que acontece com esta "sócia" dos Fenianos, que desfilou em 1889, num carro que representava:

¹⁰⁵ Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, Tomo I, p. 94.

¹⁰⁶ Arthur Azevedo "Como eu me diverti", *Teatro de Arthur Azevedo*, Rio de Janeiro: INACEN, 1987, Vol.4, p.142.

*"Uma linda jarra de flores, achando-se sentada em uma das asas a bela Baronesa, que obteve aclamações do público."*¹⁰⁷

A bela Baronesa, reconhecida e "aclamada" pelo público, foi também aclamada por um misterioso dominó preto, que lhe entregou uma coroa cravejada de brilhantes, safiras e rubis com os seguintes dizeres: *"À mais bela dos préstitos carnavalescos. À gentil Baronesa"*¹⁰⁸ A riqueza do presente ofertado à Baronesa indica a distinção social tão valorizada e marcada pelas Grandes Sociedades, possibilitada também pelo caráter "fixo" da relação que a Baronesa estabelece com os Fenianos, como se fosse uma "sócia", obtendo assim desde os ricos presentes até a aclamação popular.

A exibição destas mulheres pode comportar uma série de significados veiculados intencionalmente pelas Sociedades através também dos versos, ou "puffs". Distribuídos pelas Sociedades ao público, eles explicavam as críticas dos carros de idéias e as referências feitas nos carros alegóricos. *Mlle. Baronesa*, ao desfilar em 1891 novamente pelos Fenianos num carro denominado "A Grande Artéria", é acompanhada de um puff que alude aos acontecimentos na famosa rua do Ouvidor:

*"(...) Lá vem uma Baronesa
Toda meiguices, ternuras
Arrastando um regimento
De perfeitos caraduras,
Que lhe dizem ternamente:
- Tu és bem linda, contudo
Dá-nos um dos teus sorrisos,
Nós te damos tudo!"*¹⁰⁹

¹⁰⁷ *Diário de Notícias*, 6 de março de 1889.

¹⁰⁸ *Gazeta da Tarde*, 6 de março de 1889.

¹⁰⁹ *Diário de Notícias*, 10 de fevereiro de 1891.

Este puff foi certamente elaborado para que parte do público masculino se reconhecesse nele, embora estivesse num contexto maior de exaltação da rua que era o centro da moda no período, talvez por isso merecendo os aplausos de outros grupos que compunham o público. Ainda assim, o jornal ressalta no carro "*a bela mulher, luxuosamente vestida, provocando com o seu sorriso prolongados aplausos*",¹¹⁰ afirmando, deste modo, que o principal responsável pelo sucesso do carro foram mesmo os encantos da Baronesa.

Poucos anos antes, no carnaval de 1888, os Fenianos distribuíram o seguinte soneto impresso em cartões com tintas de cores:

*"Às donzelas
Vemos do vosso pejo
desabrochar sorrisos
édens e paraísos
sonhais, vendo o cortejo
Não vos iludam visos
do nosso Bem: desejo
que evola-se num beijo,
entre champagne e risos!*

*Somos assim. Entanto (sic)
a rir, os dissabores
vamos calando e o pranto.
E vão-se pranto e dores
ao perfumoso encanto
que vem de vós em flores.*"¹¹¹

Assinado pela própria Baronesa, estes versos comportam uma série de significados transmitidos ao público pelos Fenianos. No poema, às "donzelas", confinadas ao lugar do público, só restaria aplaudir e so-

¹¹⁰ *Diário de Notícias*, 11 de fevereiro de 1891.

¹¹¹ *Diário de Notícias*, 14 de fevereiro de 1888.

nhar com "édens e paraísos" sugeridos nos luxuosos desfiles, o que já indica a popularidade que estes carros teriam entre um público feminino. A suposta "Baronesa", transformada justamente em objeto desses sonhos, as desilude chamando a atenção para a transitoriedade daquele paraíso que esconderia dissabores e prantos, afirmando por fim a importância do público que aplaude e joga flores.

A presença da Baronesa no poema acaba comportando pelo menos dois níveis de significação. De um lado, percebe-se que, independente dela ter sido a real autora dos versos, este poema acaba sendo um contraponto do outro que a exalta. Assim, se as donzelas invejariam a Baronesa, a Baronesa invejaria a estabilidade das suas vidas, já que no resto do ano não tem exaltação, nem coroas de rubis, nem aplausos. Ao mesmo tempo sua imagem, construindo a estratégica oposição entre "donzelas" e "baronesas", demarca para os Fenianos e os outros foliões das Grandes Sociedades o espaço do permitido, da loucura, da *"champagne e dos risos"*.

Através destes poemas, a presença feminina nos desfiles das Sociedades podia adquirir novos sentidos, com certeza interpretados como sinais de degradação moral por literatos sempre atentos e preocupados como Arthur Azevedo – que "pedagogicamente" transcreve um deles na sua coluna do *Diário de Notícias*:

*"Fugindo ao fogo vivo das orgias
onde calcino a flor da mocidade
percorro alegre as ruas da cidade
à crua luz do sol que doura os dias*

*Saudando, com vibrantes alegrias
as rosas do jardim da sociedade
Finas flores azuis, que a tempestade
desfolha às vezes pelas noites frias.*

*Eu, que passo contente e forasteira,
trago-vos hoje o ramo de Oliveira
dos países fantásticos do gozo...*

*Serafins de outros céus, sempre voando
casai; virgens, casai amando,
que eu não irei roubar o vosso esposo.*¹¹²

O poema escolhido por Arthur Azevedo e assinado por uma tal "Perú Anna", clareia ainda mais os sentidos que os foliões das Sociedades atribuíam para sua festa. Trata-se novamente de uma participante direta que saúda as donzelas, mas agora acompanhada por uma caracterização mais detida destes espaços de diversão, que podem ser apreendidos na fala da Perú Anna. "*Contente e forasteira*", ela representa para os foliões a marcação da exceção, como uma viagem aos "*países fantásticos do gozo*". O caráter desta marcação já de antemão definido como transitório, acaba levando-a a acalmar as virgens, "*que eu não irei roubar o vosso esposo*". Deste modo, a transitoriedade e a caracterização dos termos da diversão dos próprios foliões é marcada e explicitada através da oposição "virgens" x "Perú Annas".

Para caracterizar as suas próprias diversões, os sócios constroem imagens das suas "sócias" representando a irresponsabilidade, o caráter transitório e sedutor, mas não ameaçador da ordem cotidiana – representada pelas donzelas virgens. Além disso, é significativo que o pseudônimo desta sócia seja peruana. Além de remeter à difundida imagem da prostituta estrangeira, talvez signifique também a intenção destas mulheres se fazerem passar pelo que não são, reforçando a imagem do

¹¹² *Diário de Notícias*, 12 de março de 1886.

carnaval como transitoriedade e ilusão.¹¹³ Exatamente por ser um ideal de carnaval, esta imagem não corresponde ao que podemos inferir dos significados da folia para as próprias sócias que, como foi visto, parece ser muito sério, relacionando-se a possibilidades de ascensão social e de reconhecimento público.

Do mesmo modo, os foliões também conferem seus significados à diversão daquelas que eles chamam de donzelas. As "moças de família", das sacadas das janelas honestas da rua do Ouvidor, veriam a diversão dos sócios das Sociedades exatamente com os mesmos referenciais deles: como um encantador momento de exceção, do qual, no entanto, elas estariam inevitavelmente excluídas devido ao seu status irremediável de honestas. A elas estariam reservados outros céus mais estáveis, que não seriam afetados pela exibição em plena luz do dia das Perú Annas, Carolas Bundas, atrizes *** e tantas outras.

Não por acaso, é mais uma vez o Arthur Azevedo que apreende esta dimensão em um dos quadros do seu *Teatro a Vapor*, para um período um pouco posterior. Intitulado "Sonho de Moça", constitui um diálogo entre uma moça e sua mucama a respeito dos préstimos carnavalescos. A menina refere-se a uma mulher feia que desfilara nos Tenentes, e acaba divagando:

"(...) Eu sou mais bonita que aquela mulher, as minhas formas são mais preciosas, o meu corpo mais belo... Por que ela há de ser levada em triunfo, como uma deusa, e eu hei de ficar no canto de uma janela, escrava da família e do preconceito? (...) A vida é aquilo... é o prazer, o luxo, a ostentação, a loucura! Aquelas mulheres gozam e eu, qual será minha sorte?"

¹¹³ Ver sobre a prostitutas estrangeiras, entre outros, Margareth Rago, *op. cit.*, e Lená M. de Menezes, *Os Estrangeiros e o Comércio do Prazer nas ruas do Rio*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

*Casar-me, encher-me de filhos, nem ao menos sair à rua, perder a minha mocidade e a minha beleza!*¹¹⁴

Adormecendo em meio a um sonho de que estava em cima de um carro alegórico, a moça explicita uma imagem bem próxima à que os carnavalescos faziam das "donzelas". O significado da folia para elas seria o mesmo que para os rapazes da Sociedade, de loucura, prazer, ostentação. No entanto, se os foliões das Sociedades usavam a imagem das mulheres dos carros alegóricos para afirmar suas prerrogativas licenciosas, para as "donzelas" as mulheres dos carros também seriam uma imagem da diversão da qual elas estariam excluídas.

A inveja, neste caso, concentra-se basicamente na impossibilidade de mocinhas como a personagem acima de se divertirem no espaço público, como as outras. Confinadas a um canto de janela, "escravas da família e do preconceito", ou de uma tirania do espaço privado, estas mocinhas veriam em figuras como a Baronesa ou a Peru Anna a possibilidade de liberdade, de divertimento e de licenciosidade para elas próprias.

Tal impressão nos remete ao literato que se lembrava do tempo em que o carnaval servia para esconder as que queriam se divertir. Se os bailes realmente foram no passado uma ocasião de diversão para distintas mulheres, é de se imaginar que a exibição da licenciosidade pelas ruas num período posterior, ao invés de liberação, pudesse significar uma perda de espaço para as "honestas" e "distintas", submetendo-as a um maior controle, ao invés de maior devassidão.¹¹⁵

O objetivo do quadro, como dos outros escritos do Arthur Azevedo, parece ser de apreender a dimensão veiculada intencionalmente pe-

¹¹⁴ Arthur Azevedo, "Sonho de Moça", *O Século*, 13 de fevereiro de 1907 in *Teatro a Vapor*, São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1977.

¹¹⁵ Ver página 54.

los próprios membros das Sociedades. Lendo-a como deveriam ler seus contemporâneos letrados, Arthur Azevedo só faz evidenciar sua interpretação do que ele considera imoral e indigno de uma capital que se pretende civilizada. De qualquer forma, é bastante significativo que, lançando mão do argumento do desrespeito às senhoras honestas, reconheça este autor a fascinação que a licenciosidade assumiria para um respeitável público feminino, mesmo que seja para interpretá-la como um perigo de degeneração moral.

De fato, o sucesso que as Sociedades faziam entre esta parcela do público feminino é não só patente como estimulada pelas próprias Sociedades. É o que se percebe desde os pedidos pelo fim do entrudo, dirigidos não só por uma questão de estilo às "senhoras fluminenses", até os poemas distribuídos pelos préstitos, não só para exaltar uma licenciosidade carnavalesca, mas pedindo aplausos e flores das respeitáveis senhoritas e senhoras.

Os próprios puffs publicados nos jornais recorrem sempre às donzelas e senhoras fluminenses ao anunciar os préstitos:

*"A vós, Povo, lindas fluminenses, vasos floridos que embelezam as sacadas dos boulevards por onde desfilamos, nos oferecemos em holocausto pelas inúmeras provas de simpatia que nos tendes dispensado."*¹¹⁶

Referindo-se às lindas fluminenses nas sacadas dos boulevards, criando uma paisagem civilizada e européia, os Fenianos conseguem simultaneamente dirigir-se ao "povo" de forma elegante e afirmar uma auto-imagem de dedicação capaz até do holocausto. Mesmo depois do carnaval as Sociedades costumavam publicar notas de agradecimento *"às Exmas. senhoras fluminenses, que tão relevantes provas de simpatia*

¹¹⁶ *Diário de Notícias*, 22 de fevereiro de 1887.

e gentileza deram a esta sociedade",¹¹⁷ como fizeram os Democráticos em 1889. Tanto a linguagem contrastante com a habitual linguagem jocosa dos puffs, quanto a forma como o primeiro secretário assina, não com seu pseudônimo na Sociedade, mas J. Ernesto da Silva, comprovam a seriedade do agradecimento.

Tanta deferência não era por acaso. A presença e os aplausos destas mulheres que de fato enchiam as sacadas da rua do Ouvidor e adjacências, mostram sua aprovação aos préstitos carnavalescos de vários modos. Em 1887, por exemplo, algumas "*exmas. senhoras*" ofereceram uma coroa de louros aos Fenianos durante sua passagem pela rua do Ouvidor.¹¹⁸ No ano anterior, logo depois do carnaval, a porta da redação do *Diário de Notícias* ficou abarrotada de pessoas que entregavam seus votos para o concurso de melhor Sociedade Carnavalesca. Na publicação dos nomes dos votantes e dos melhores carros, encontramos uma grande quantidade de nomes femininos assinando a votação de carros alegóricos, aqueles com "baronesas", principalmente das três Grandes Sociedades.¹¹⁹

Percebe-se desta forma a efetiva atuação de um público feminino principalmente para escolher a melhor Sociedade, ao mesmo tempo em que se verifica um real estímulo por parte das próprias Sociedades, que estariam, desta forma, garantindo uma cobiçada popularidade. Mesmo sem saber com certeza quem eram estas mulheres que ofertavam coroas e votavam, é possível inferir o quanto era considerada uma manifestação de bom gosto e distinção aplaudir as Sociedades Carnavalescas. Afinal, mesmo com todas as ressalvas de literatos como Arthur de Aze-

¹¹⁷ *O Paiz*, 7 de março de 1889.

¹¹⁸ *Diário de Notícias*, 22 de fevereiro de 1887.

¹¹⁹ *Diário de Notícias*, 16 de fevereiro de 1888. Ver também 7 de março de 1887 e 6 de março de 1886, quando as votações se repetem.

vedo, as Sociedades eram reconhecidas como as legítimas representantes de um carnaval que se considerava civilizado e moderno.

Se os desfiles das Sociedades podiam conquistar estas distintas senhoras, não se pode esquecer o estruído que ainda reinava nas ruas e nas "protegidas" sacadas em que elas se abrigavam. Mais que isso, as próprias Sociedades nos deram a saber, pelos seus pedidos pelo fim do estruído, que era prática destas adoráveis fluminenses atirar limões de cheiro e bisnagar sem piedade os civilizados carros que as agradavam fosse pelo espírito, luxo ou gosto. Assim, as mocinhas estavam ainda muito longe de se conformar ao papel prescrito pelos denodados foliões de público civilizado e passivo, que apenas ofertasse coroas e atirasse flores.

Por trás das imagens idealizadas e opostas das senhoras protegidas nas sacadas e das "sócias" expostas nos desfiles, percebe-se a existência de diferentes relações, que não necessariamente possuíam os mesmos significados veiculados nos discursos das Grandes Sociedades. Mais que um momento de construção de ambiguidades insuperáveis como pode parecer através dos discursos das Sociedades, os desfiles comportavam uma diversidade de significados para os diferentes participantes, que tiravam dela o proveito que podiam e queriam.

A coexistência de diversas formas de diversão em um mesmo espaço não agradava nem um pouco aos foliões que gastavam rios de dinheiro para colocar seus luxuosos carros nas ruas do Rio e arriscavam ver os édens e paraísos do carnaval dos seus sonhos afundarem sob um tiroteio de bisnagas e limões de cheiro. Neste ponto tinham nos literatos e nos próprios jornais ardorosos aliados, que não se cansavam de alertar a população sobre o perigo de não mais ser considerada digna pelas grandes Sociedades dos seus festejos carnavalescos ou mesmo lamentar a morte definitiva do carnaval:

*"O limão de cheiro em sua passagem parece tocar os funerais da festa mais popular que existe. (...) Pois bem, já que assim o querem, ele que morra, porém morra nas ruas e viva nos salões das Sociedades, nos bailes particulares: haja a fantasia e apareça o máscara parisiense cheio de espírito, cheio de verve. Nada de princezes sorumbáticos e de zé-pereiras barulhentos."*¹²⁰

A fúnebre conclusão do jornal, depois de encerrar a descrição do domingo gordo, propunha um outro espaço de diversão que mantivesse o sentido do carnaval das Sociedades: os bailes, que se oporiam ao fracasso do carnaval das ruas nas suas desagradáveis manifestações entruvistas e populares.

Não que as Sociedades compartilhassem desta avaliação dos jornais, mas o fato é que na década de 1880 os bailes se afirmaram como um momento privilegiado de construção de uma auto-imagem dos foliões das Grandes Sociedades, já apontada em alguns aspectos nos préstitos. Nas décadas anteriores, como já foi visto, as Sociedades tinham o costume de entrar triunfalmente nos bailes dos teatros reunindo-se em camarotes. No entanto, a licenciosidade exagerada e a mistura de diferentes setores sociais nestes bailes provavelmente foram os principais motivos da transferência dos bailes carnavalescos para as sedes.¹²¹ Desta forma, os bailes dos Fenianos, Democráticos e Tenentes do Diabo se caracterizariam na década de 1880, antes de tudo, por serem extremamente seletivos, quer fossem familiares ou não.

Apesar disso, eram anunciados nos jornais – para que os sócios se lembrassem de estar em dia com as obrigações financeiras para com o

¹²⁰ *Gazeta da Tarde*, 5 de fevereiro de 1883.

¹²¹ Ver o capítulo anterior sobre a mudança das Sociedades dos bailes nos teatros para os bailes na sede.

clube, condição para a entrada no baile – e descritos pelos jornalistas, chegando por este caminho ao público leitor dos puffs:

*"Vazai Falerno nas taças
Meigas filhas do pecado!
Queremos falar às massas!
Vazai Falerno nas taças!
Lançai o pudor às traças
E a nós o pomo vedado! (...)
(...)
Vinde pois a nós, Camélias!
A nós, senhores da alegria
Guerra de morte às tragédias!
Vinde, pois, a nós, Camélias!
Vinde formosas Egérias
Misturar-vos na folia
Vinde pois a nós, Camélias!
A nós, senhores da alegria!"¹²²*

Foi assim que os Tenentes do Diabo anunciaram o último baile à fantasia do carnaval de 1884. Intermináveis versos de exaltação e chamamento às "filhas do pecado" povoavam as páginas dos grandes jornais ao longo desta década, anunciando os bailes carnavalescos das três Sociedades. É claro que a intenção dos versos era menos chamar as Camélias do que exibir os atrativos do baile a seus possíveis frequentadores, além de veicular "às massas" uma imagem da festa que elas nunca veriam. A idéia da licenciosidade fica por conta das "meigas filhas do pecado", mas é em torno deles, que se vêem como os senhores da festa, que tudo existe e se organiza. Para as suas "senhoriais" diversões lançam-se os pudores às traças, caindo por terra quaisquer impedimentos.

¹²² *Jornal do Commercio*, 26 de fevereiro de 1884.

A imagem desses bailes se assemelha, assim, a redutos de permissividade e alegria. Tal imagem combina-se com o seu caráter tão fechado, enfatizado pela ressalva no anúncio do baile dos Democráticos naquele mesmo carnaval de 1884:

*"A Diretoria tendo feito os convites que julgou conveniente, declara que não atende a pedido algum, seja ele de quem for, com referência à entrada nos dois bailes de carnaval."*¹²³

A declaração da diretoria dos Democráticos revela o rigor com que se tratava a questão da seletividade dos bailes. Além disso, a antecipação em afirmar a prerrogativa de distribuir, segundo seus critérios, os convites indicava a provável quantidade de pedidos que deveria se repetir todos os anos.

Os próprios jornais destacavam esta característica dos bailes:

*"O clube dos Democráticos empenhou-se para apresentar hoje uma grande festa aos seus sócios e convidados. Além da folia que deve reinar durante a noite nos salões daquela sociedade motivada pelo objeto da reunião, os grupos dos fadistas e Boas-Crias inauguram os seus novos estandartes."*¹²⁴

A referência aos sócios e convidados confirma a seletividade dos bailes. As presenças femininas e dos grupos internos da Sociedade, constituíam os grandes atrativos da ocasião, servindo ao mesmo tempo para reafirmar seu caráter seletivo. Fosse em anúncios, nas descrições ou nas próprias medidas da diretoria, os foliões das Sociedades construían os bailes como os espaços onde reinariam como senhores.

Apesar disso, os bailes não transcorriam de forma completamente diversa dos carnavais levados às ruas. Era costume que os grupos inter-

¹²³ *Jornal do Commercio*, 23 de fevereiro de 1884.

¹²⁴ *Gazeta de Notícias*, 19 de fevereiro de 1881.

nos entrassem triunfalmente os salões do clube, como fez o grupo dos Boas-Crias naquele baile dos Democráticos, quando

*"apresentaram alusões à nova medida facilitando o despacho de comestíveis na estrada de ferro e à nova praça da Cidade Nova, trajando todos de pretas minas."*¹²⁵

A preocupação em afirmar um carnaval crítico que tornasse as Sociedades populares se repete neste espaço em que seu movimento é justamente contrário, de isolamento do público. Desta forma, a importância das críticas e alusões a acontecimentos do cotidiano se volta para que eles próprios cultivem suas auto-imagens de críticos espirituosos.

Há, no entanto, um fator que não pode passar despercebido nas fantasias e na própria denominação do grupo, que é esclarecida por um outro jornal que faz uma descrição mais detalhada:

*"O Grupo dos Boas-Crias, composto de homens-mulheres, todos amassados e encadernados nas vestimentas rendadas da genuína baiana, exibiu o que podia haver de mais estupendo na acepção das palavras – Boas-Crias. Assim uns traziam bananas de tamanho descomunal; outros, espigas de milho em que cada grão era maior que uma laranja selecta; e alguns produtos enormes das hortas deles."*¹²⁶

A forma que tomavam as críticas e alusões mostrava-se, assim, bastante reveladora. As fantasias comportavam um duplo significado: além do travestimento, por si só grotesco (como os jornais qualificariam), a caracterização de baianas, ou pretas minas, indicava o grau de ridicularidade da alusão. A espirituosidade combina-se aqui com o preconceito e o elitismo usados na tematização daquilo que lhes era dife-

¹²⁵ *Jornal do Commercio*, 21 de fevereiro de 1881.

¹²⁶ *Gazeta de Notícias*, 21 de fevereiro de 1881.

rente, como deveria convir aos civilizados, progressistas e abolicionistas senhores da alegria.

A presença feminina tão exaltada nos anúncios era frequentemente a mesma que desfilava nos préstitos, sendo inclusive muitas vezes apontada como a motivação da reunião.¹²⁷ Mesmo em almoços oferecidos à imprensa, registrava-se a presença das "*divas que colaboraram nos triunfos*"¹²⁸ dos foliões nos préstitos. Os sentidos da presença destas mulheres, neste caso, com certeza estavam muito mais ligados aos que eram conferidos pelos foliões do que a outros, como acontecia nos préstitos.

Assim, são bastante significativos os longos anúncios que chamavam as filhas do pecado para a diversão dos senhores da alegria, como este dos Tenentes do Diabo:

*"(...) Louras Frinéas! Inconstantes Aspásias!
Modernas Evas! Trêmulas Laís!
Vinde todas ao "Eu, pecador"! (...)*

*A loucura, apartada dos laços
pode à solta convosco imperar
Vinde todas, queridas, pecar
se pecar está nos beijos e abraços!*

*Vós sois anjos? demônios? Que importa?
Do pecado sois filhas? Melhor!
O pecado seduz e conforta
se é por vós, meigas sócias do Amor!"¹²⁹*

¹²⁷ Ver, entre outros, o anúncio de baile dos Democráticos no *Diário de Notícias*, 11 de março de 1886.

¹²⁸ *Novidades*, 28 de fevereiro de 1887.

¹²⁹ *Diário de Notícias*, 9 de março de 1886.

Nos versos dos Tenentes, como nos dos Democráticos e Fenianos, explicitam-se todos os sentidos conferidos pelos elegantes carnavalescos à sua festa, que aparecem também nos anúncios dos préstitos, mas aqui está explicitamente voltado para eles próprios, para o "eu, pecador". Nos bailes, a loucura carnavalesca conferiria um sentido positivo e elegante aos "pecados", às práticas licenciosas proibidas, ou pelo menos escondidas nos seus cotidianos. Com a presença das suas "sócias do amor", exaltadas e idealizadas, a festa se transforma num império da loucura e da permissividade. A própria construção desta imagem das meigas pecadoras, no entanto, evidencia os limites desta generalização, sendo tanta loucura evocada apenas para o proveito deles, que afinal, nunca deixaram de ser os senhores da festa, senão a das ruas, pelo menos as de suas casas.

É com este pressuposto que Falstaff, dos Democráticos, descreve uma pecadora:

*"Trazes em ti as lúbricas essências;
Mostra ao corpo sensual os veios
E ébria de amor sem pudicos receios
Em nós acordas rabidas demências.
(...)
Sepultaste para sempre as gemedoras
Mágoas que obriga a moça a ser donzela!
Mas, oh! linda das lindas pecadoras,
Quantas vezes não riste da pucela
Que co'a alma nas trevas sofredora
vai sucumbir febril em negra cela!?"¹³⁰*

Dando asas à sua imaginação, o sócio dos Democráticos inventa uma pecadora louca e sensual, responsável pelas demências que provoca nos homens, livre da cela que prende as sofredoras virgens e donzelas,

¹³⁰ *O Paiz*, 19 de janeiro de 1889.

enfim, a encarnação ideal da sócia de folia para estes rapazes. Assim, a caracterização tanto das loucas pecadoras quanto das sofredoras pucelas volta-se para um só objetivo: compor e afirmar o prazer e a diversão distinta dos distintos foliões.

Curiosamente, é em torno desta afirmação da licenciosidade carnavalesca como um "Império da Loucura" que podemos perceber algumas significativas diferenças entre as Sociedades, como já ocorreu em relação aos literatos. É o que demonstram os Tenentes do Diabo preferindo os bailes aos préstitos:

"Eu bem sei que há por aí muita gentil criaturinha que, ao ouvir falar na caverna, ao ouvir dizer – Tenentes do Diabo – cobre a linda carinha com a delicada mãozinha e treme de susto. Ilusão! Ilusão! Quando mais tarde convencem-se por si de que é a caverna o verdadeiro e único paraíso, que são os Tenentes os únicos que compreendem a folia, então exclamam contentes: vivam sempre os Tenentes! Sim, porque os Tenentes, os projectos carnavalescos de todos os tempos, chegaram a compreender que o carnaval morreu; que o luxo, a pilhéria, a sátira e a galhofa desapareceram completamente, para dar lugar aos enormes carroções de sarrafos e bonecos de papelão, onde o espírito é completamente sacrificado..."¹³¹

Não é por acaso que vem dos Tenentes esta voz dissonante. Sendo a mais antiga das três Sociedades, eles sempre estiveram mais ligados ao modo de fazer carnaval do Clube X e das Sociedades das décadas anteriores. Assim, retomam as "adoráveis fluminenses" como interlocutoras e como justificativa da sua opção pelo chamado "carnaval interno", ainda que este fosse um espaço do qual novamente elas podiam estar excluídas. No entanto, ainda são elas que representam a delicadeza e a elegância, justamente os valores cuja perda reclamam os Tenentes.

¹³¹ *Diário de Notícias*, 14 de fevereiro de 1888.

Como José de Alencar no início das Sumidades há quase trinta anos, os Tenentes pedem que as mocinhas não tenham medo, alegando que o seu carnaval é o único digno delas, o único verdadeiro, divertido, espirituoso e elegante.

Não é também por acaso que este anúncio é publicado no fim da década, em 1888. Ele faz parte, na verdade, de um debate que se encontra em curso desde o começo da década, e que pode ser encontrado mais claramente através da imprensa carnavalesca. Ao longo da década de 1880, as três Sociedades consolidam o hábito de publicar jornais regularmente, seja para serem distribuídos para o público dos desfiles ou para os sócios nos bailes. No *Diabo da Meia Noite*, o mais importante jornal dos Tenentes, é publicado um pedido aos seus colegas, o *Facho da Civilização*, dos Fenianos, e *O Fantasma*, dos Democráticos:

"(...) vamos falar seriamente. Há muitos anos já que nas proximidades do carnaval as Sociedades carnavalescas costumam publicar, umas contra as outras, séries de descomposturas pouco delicadas, grosseiras mesmo, a resvalar nas anfractuosidades da pulhice brutal, agressiva, sem elegância e sem espírito. (...)

Somos rapazes, somos, sobretudo, carnavalescos, o riso pois será nossa arma de combate(...). Se nossas co-irmãs pretenderem seguir o mesmo caminho, e não vemos razão que nisso as contrarie, estamos prontos para a luta, sempre, sempre, sempre."¹³²

Propondo uma trégua às suas co-irmãs em nome da elegância e do espírito, os Tenentes revelam a existência de diferentes concepções de carnaval elegante e civilizado.

No momento em que escrevem, os Democráticos, Fenianos e os próprios Tenentes se consolidam como as três Grandes Sociedades car-

¹³² *O Diabo da Meia Noite*, 24 de janeiro de 1880.

navalescas, e junto com elas, um certo padrão de carnaval diferenciado das Sociedades anteriores também parece se consolidar, como se vê pelos próprios préstitos. No que diz respeito à imprensa carnavalesca esta mudança também ocorre. Os Tenentes, embora preocupados com a perda de características por eles consideradas fundamentais, também sofrem grandes mudanças, até porque eles mesmos se transformaram em símbolos deste novo carnaval. Assim, ao mesmo tempo em que alertam para o predomínio das grosserias e pulhices, não deixam de afirmar a importância da licenciosidade no seu carnaval, e o debate sobre os termos da elegância segue por toda a década.

Alguns anos depois, diante da reclamação de um literato d'*A Semana* sobre as grosserias que se publicam na imprensa carnavalesca e nos jornais diários, o jornal *Ypsilon*, dos Democráticos, rebate:

*"(...) Escrevemos por desfastio, por troça, descuidosos, sob um pseudônimo qualquer, como quem não tem uma reputação literária ou um nome a zelar, e escrevemos muito convictos de que as nossas produções, algumas vezes mais livres, é verdade, só seriam lidas pelos nossos companheiros. Jamais ocorreu-nos que houvesse insensato capaz de oferecer um número d'um jornal puramente carnavalesco a uma menina que entrasse para o colégio ou a alguma moça de honestidade comprovada."*¹³³

Retomamos a questão da composição das Sociedades, já iniciada na década de 1870 com o extinto Clube X. Seria a predominância comercial a responsável pelo estilo pouco estudado e "livre" das produções que caracterizaria a imprensa carnavalesca no período. Respondendo ao olhar preconceituoso da imprensa, que diga-se de passagem, tinha muitos representantes participando dos jornais carnavalescos, os

¹³³ *Ypsilon*, 20 de fevereiro de 1886.

Democráticos escreveriam somente para seus companheiros. Sendo estes jornais distribuídos internamente nos clubes, em ocasiões como os bailes, caracterizar-se-iam, assim, como um espaço puramente masculino e letrado de diversão carnavalesca. O cultivo desta diversão somada aos seletos bailes e aos populares préstitos constituem a feição das três Grandes Sociedades carnavalescas nos anos anteriores à Abolição e à República. Em todos estes espaços, a presença feminina foi apropriada pelos foliões das Sociedades para evidenciar os sentidos da suas festas, contribuindo fundamentalmente para a construção de uma auto-imagem e do seu projeto elitista de carnaval. Da alegria dos outros, e das outras, no entanto, eles não puderam ser senhores, nem controlar os diversos sentidos deste Império que já começava a se aproximar do seu fim.

Conclusão

Júlio Thomaz da Silva Caldas nunca entendeu a paixão que sua mulher nutria pelo carnaval. Por estas e outras diferenças o casal se desfez depois de algum tempo de convivência, embora não tivesse deixado de se encontrar mesmo quando ela passou a viver com outro homem. No domingo gordo de 1877, num destes encontros na casa dela, diante da ausência do novo companheiro de sua mulher, Júlio opôs-se firmemente ao desejo de sua ex-esposa de sair às ruas no começo da noite. Fosse pela improbabilidade do desfecho da discussão, ou por causa do seu gosto incontrolável pelas diversões das ruas, a mulher não deu ouvidos à ameaça feita por ele de que não duvidasse de sua capacidade de matá-la se ela saísse da cama em que estava. Nunca saberemos o que fez o rapaz desferir uma facada fatal diante da intransigência da mulher. Júlio foi preso e nem mesmo o jornal que noticiou o assassinato pôde explicar as suas "*extraordinárias circunstâncias*".¹³⁴

Exatamente dez anos depois, um outro casal – João e Adelaide – tinha resolvido festejar os folguedos de Momo, mas a exaltação de ambos foi tanta que levou-os à cadeia por estarem "*proferindo palavras contra a moral*".¹³⁵ Já nos carnavais da República, Maria das Dores e Francisca Peroba resolveram se divertir saindo vestidas de homem mesmo antes que os dias de folia chegassem.¹³⁶ Maria dos Anjos quis de qualquer maneira sair às ruas na popular fantasia de diabinho, ao que se

¹³⁴ *Gazeta de Notícias*, 11 de fevereiro de 1877.

¹³⁵ *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro de 1887.

¹³⁶ *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1895.

Conclusão

Júlio Thomaz da Silva Caldas nunca entendeu a paixão que sua mulher nutria pelo carnaval. Por estas e outras diferenças o casal se desfez depois de algum tempo de convivência, embora não tivesse deixado de se encontrar mesmo quando ela passou a viver com outro homem. No domingo gordo de 1877, num destes encontros na casa dela, diante da ausência do novo companheiro de sua mulher, Júlio opôs-se firmemente ao desejo de sua ex-esposa de sair às ruas no começo da noite. Fosse pela improbabilidade do desfecho da discussão, ou por causa do seu gosto incontrolável pelas diversões das ruas, a mulher não deu ouvidos à ameaça feita por ele de que não duvidasse de sua capacidade de matá-la se ela saísse da cama em que estava. Nunca saberemos o que fez o rapaz desferir uma facada fatal diante da intransigência da mulher. Júlio foi preso e nem mesmo o jornal que noticiou o assassinato pôde explicar as suas "*extraordinárias circunstâncias*".¹³⁴

Exatamente dez anos depois, um outro casal – João e Adelaide – tinha resolvido festejar os folguedos de Momo, mas a exaltação de ambos foi tanta que levou-os à cadeia por estarem "*proferindo palavras contra a moral*".¹³⁵ Já nos carnavais da República, Maria das Dores e Francisca Peroba resolveram se divertir saindo vestidas de homem mesmo antes que os dias de folia chegassem.¹³⁶ Maria dos Anjos quis de qualquer maneira sair às ruas na popular fantasia de diabinho, ao que se

¹³⁴ *Gazeta de Notícias*, 11 de fevereiro de 1877.

¹³⁵ *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro de 1887.

¹³⁶ *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1895.

opôs veementemente seu companheiro Antônio. A divergência carnavalesca por pouco não terminou em tragédia, como a outra. Notícias de incidentes ocorridos no carnaval, como estas, são uma porta de entrada para uma vasta diversidade de personagens e de histórias, não raro totalmente estranhas aos modelos e padrões insistentemente divulgados pelas Grandes Sociedades carnavalescas.

Ao longo deste texto, no entanto, pretendeu-se, entre outras coisas, mostrar que o carnaval apregoado pelas Grandes Sociedades foi muito mais que um simples produto de suas imaginações. A história de "Carola Bunda", por exemplo, indica a difusão do modelo de licenciabilidade das sociedades por clubes de origens menos distintas.¹³⁷ Do mesmo modo, são significativas notícias como esta, logo no início do século XX:

*"Os clubes dos arrebaldes deram uma nota nova à grande festa, com a exibição de senhoritas, de moças de distintas famílias em seus carros alegóricos."*¹³⁸

Foi o caso do clube dos Destemidos, que, ao contrário das mulheres que se exibiam nos desfiles das Grandes Sociedades, trazia em seus carros famílias provenientes do bairro de origem do clube. A própria filha do presidente do clube, Judith de Sá, desfilara no ano anterior em um carro alegórico empunhando o estandarte do clube.¹³⁹

Se através de notícias como estas é possível indicar o alcance da difusão do carnaval das Sociedades, elas também nos dão a indicação de que o modelo esteve longe de ser absorvido passivamente: ao contrário, foi apropriado num processo em que diferentes sujeitos puderam imprimir os sentidos que desejavam para suas festas. Tal processo incluía

¹³⁷ Ver capítulo II.

¹³⁸ Amálio, "Crônica", *O Malho*, 28 de fevereiro de 1903.

¹³⁹ *O Paiz*, 10 de fevereiro de 1902.

até as "mocinhas de família", vistas pelas Sociedades como estando inevitavelmente excluídas destas diversões públicas. Sem perder sua condição de moças honestas, estas parecem ter conseguido, no início do século, espaços de diversão não dedicados originalmente a elas.

Do mesmo modo as sufragistas, as netas ou bisnetas da pioneira "Christina" do *Jornal das Senhoras*, nas suas reivindicações de uma "cidadania feminina", acabaram sendo tematizadas no espaço mais político – e portanto masculino – do carnaval das Sociedades: os carros de idéias. Não aceitaram a divisão sexual do trabalho e lutaram pela "emancipação feminina" – a conquista política do espaço público:

*"Não queremos representar na sociedade o papel de adorno dos palácios dos senhores do sexo forte (...). Seu sofisma é tal, que nos tratando de rainhas, só nos dão o cetro da cozinha, da máquina de procriação, etc., etc."*¹⁴⁰

O repúdio volta-se contra a divisão de papéis sexuais vistos como naturais por varões como os carnavalescos das Sociedades. Afinal, nas suas folias, estes homens acostumaram-se a representar as "rainhas" de seus lares confinadas à passiva função de platéia. O espaço público, propriedade deles, estaria reservado às "mulheres públicas" – as que confirmariam e reafirmariam, nos discursos dos carnavalescos, suas prerrogativas de diversão. Desvendando o sofisma dos senhores do sexo forte, as sufragistas descortinavam também os sofismas dos senhores da alegria: exaltando as mulheres, eles as submetem aos seus modos de ver o mundo e a folia.

No entanto, a despeito de uma certa insistência da historiografia, redefinições de espaços de atuação atribuídos a homens e mulheres não datam da República, embora com ela tenha adquirido esta formulação

¹⁴⁰ *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, 6 de abril de 1890.

política explícita. A construção de espaços de diversão para homens e mulheres, espaços "distintos" e "populares", "elegantes" e "grosseiros", "civilizados" e "atrasados", vieram ocorrendo ao longo das transformações sofridas pelo carnaval carioca nas suas múltiplas histórias. Por trás delas, os homens e mulheres estavam na verdade definindo e redefinindo os sentidos políticos de tais separações de espaços e instrumentalizando-os em função de seus interesses.

Não é por acaso, assim, que a imprensa "masculina", que surge ao longo das primeiras décadas do século XX, tenha um estilo muito parecido com aquele construído pela imprensa carnavalesca no fim do século XIX. Com denominações sugestivas como *Sans Dessous* ou *Gigollete*, chegaram a ser consideradas em sua época imorais e até mesmo pornográficas.¹⁴¹ Através delas, podemos identificar a difusão de um certo modo carnavalesco de tematizar as mulheres para outros espaços, para além dos dias de carnaval.

A partir dos sentidos conferidos à presença feminina e à licenciosidade da festa por diferentes sujeitos, desvendam-se muito mais diversões e embates do que se percebe à primeira vista. E talvez esta percepção possa ser um importante primeiro passo para atingirmos outras diversões e modos de ver o mundo – não só das Carolas Bundas e Baronesas, mas das Marias dos Anjos e Franciscas Perobas, e tantas outras que inventaram seus próprios modos de se divertirem, dentro e fora do carnaval, o que, no entanto, já é uma outra folia.

¹⁴¹ A revista *Sans Dessous* chegou, inclusive, a ter sua circulação proibida pelo chefe dos correios. Ver *Jornal do Commercio*, 21 de abril de 1910.

Fontes

I - Periódicos

- *A Bruxa* (1896-1897)
- *O Demócrito* (1881)
- *O Diabo da Meia Noite* (1880,1881,1883)
- *Diário de Notícias* (1886-1895)
- *Diário do Rio de Janeiro* (1869-1878)
- *A Família* (1889)
- *Farpas Fenianas* (1881)
- *Gazeta da Tarde* (1881-1895)
- *Gazeta de Notícias* (1875-1895)
- *Jornal das Senhoras* (1852-1855)
- *Jornal do Commercio* (1880-1895)
- *O Mequetrefe* (1883-1893)
- *A Mulher* (1881)
- *Novidades* (1887-1889)
- *Novo Correio de Modas* (1854)
- *O Paiz* (1886-1893)
- *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889)
- *Revista Ilustrada* (1876-1889)
- *Vida Moderna* (1887)
- *X*, propriedade do Clube X (1867-1869)
- *Ypsilon*, jornal alfabético carnavalesco (1866)

II – Obras Literárias

- ALENCAR, José de. *Ao Correr da Pena*, São Paulo: Ed. Melhoramentos, s.d.
- AZEVEDO, Arthur. *Teatro a Vapor*, São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1977.
- _____. *Teatro Completo de Arthur Azevedo*, Rio de Janeiro: INACEN, 1985.
- AZEVEDO, Ciro de. *Um ano de imprensa*, Rio de Janeiro: Tip. Montenegro, 1887.
- AZEVEDO, Josefina Álvares de. *A Mulher Moderna – Trabalhos de Propaganda*, Rio de Janeiro: Tip. Montenegro, 1891.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991.
- FILHO, Mello Moraes. *Festas e Tradições Populares do Brasil*, Belo Horizonte: Ed.Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As Mulheres de Mantilha*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1988.

III – Outras

- Bases Orgânicas do Congresso das Sumidades Carnavalescas, *Arquivo Nacional*, Conselho do Estado, seção do Império, Cx.528, pc.3, doc.41.
- *Estatuto do Clube dos Democráticos*, Rio de Janeiro: Tip. Perseverança, 1881.
- *Estatutos da Sociedade Carnavalesca União Veneziana*, Rio de Janeiro: Britto & Braga, 1856.
- *Ao Congresso Nacional – Alguns Apontamentos sobre o Histórico do Clube dos Fenianos*, Rio de Janeiro: Tip. da Gazeta de Notícias, 1921.

Bibliografia citada

- ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e Feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1980.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*, Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *As Pugnas de Momo*, IFCH/UNICAMP, 1993 (mimeo)
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo do século XIX*, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- ENEIDA. *História do Carnaval Carioca*, São Paulo: Record, 1987.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FREIRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959.
- GRAHAM, Sandra. *Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*, São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- JOTA EFEGÊ. *Figuras e Coisas do Carnaval Carioca*, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Estrangeiros e o Comércio do Prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- PEREIRA, Leonardo. *O Carnaval das Letras*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*, São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RAGO, Margareth. *Prazeres da Noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.